



**Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação**

THALYTA REZENDE DA SILVA SANTOS

**A EDUCAÇÃO EM AMBIENTES DE APRENDIZAGEM NÃO FORMAL:
UM ESTUDO DE CASO**

BRASÍLIA - DF

2016

THALYTA REZENDE DA SILVA SANTOS

**A EDUCAÇÃO EM AMBIENTES DE APRENDIZAGEM NÃO FORMAL:
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho final de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

BRASÍLIA – DF

2016

Thalyta Rezende da Silva Santos

A EDUCAÇÃO EM AMBIENTES DE APRENDIZAGEM NÃO FORMAL: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho final de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Brasília-DF, 28 de Junho de 2016.

Banca Examinadora

Orientador: Prof^a. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho

Avaliador (a): Prof^a. Solange Alves de Oliveira

Avaliador (a): Prof^a. Cristiane Portela

DEDICATÓRIA

Primeiramente, dedico Esse trabalho ao meu Deus, Ele é minha força. A minha amada mãe, Neuza Rezende, por sempre me apoiar e acreditar em mim, não medindo esforços para ser a melhor possível. A meu pai, José Antônio da Silva Santos, por me ensinar que posso sonhar e realizar. A meus irmãos, Thayná, Débora e José, para incentiva-los a sonhar. E ainda a todos os meus amigos que de forma direta ou indireta contribuíram para essa realização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de todo meu coração, com toda a minha força e entendimento ao meu Deus, pois sei que sem Ele eu nada posso fazer. A meu Senhor Jesus- autor e consumidor da minha fé- que por meio de Suas muitas misericórdias têm me dado saúde e inteligência, permitindo que eu seja um instrumento vivo em Sua obra.

A minha mãe que é muito mais do que eu mereço, e por ter me guiado e ensinado em um excelente caminho. Agradeço a meu pai por ter me ensinado a amar a educação e a acreditar que só através dela podemos transformar a sociedade.

A Luciana de Jesus Brito, minha amiga querida, que sempre me ajudou e incentivou em todo meu processo de formação acadêmica.

A Tia Lelê, minha primeira professora, que me ensinou os primeiros passos. A professora Sônia Marise Salles Carvalho pelo acolhimento e carinho que sempre teve com todos os estudantes da Universidade e por sua orientação, sempre tão gentil, que tornou possível esse trabalho.

EPÍGRAFE

*“Portanto, quer comais quer bebais, ou façais qualquer
outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus”.*

(Bíblia, 1 Coríntios 10:31)

RESUMO

O presente trabalho parte das perspectivas de educação mais gerais, fazendo um breve estudo das relações de educação e sociedade e foca nas práticas de educação não formal, as quais Gohn e Gadotti discutem. A partir das concepções de boas práticas docentes, de Paulo Freire, desenvolve uma pesquisa-ação, usando como principais metodologias de coleta de dados, o diário de intinerância e entrevistas semi-estruturadas, analisando com se dá a prática pedagógica em um ambiente de educação não formal de uma igreja cristã evangélica do Distrito Federal, por meio de um relato de experiências.

PALAVRAS-CHAVE: Educação não formal. Cristianismo. Evangelização infantil. Ambientes de educação

ABSTRACT

This study part of the general education perspective , making a brief study of educational relations and society and focuses on non-formal education practices, which Gohn and Gadotti discuss . From the concepts of good teaching practices of Paulo Freire , develops an action research , using as main methods of data collection , daily intinerância and semi -structured interviews , analyzing with is given to pedagogical practice in an education environment not formal of an evangelical Christian church in the Federal District, through an experience report .

KEYWORDS: Non-formal education. Christianity. Child Evangelization. Educational environments

SUMÁRIO

1ª PARTE Memorial	09
2ª PARTE A Educação em Ambientes de Aprendizagem não formal	
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1: Educação e Sociedade	19
1.1 Educação formal, educação informal e educação não formal	21
1.2 Educação não formal e Movimento Social no Brasil	26
1.3 Educação Protestante	29
1.4 O ambiente de aprendizagem das crianças na igreja cristã evangélica: A Salinha.....	31
CAPÍTULO 2: UM ESTUDO DE CASO	37
2.1 O Ministério Água Viva para as Nações	38
2.2 O Ministério Infantil	43
2.3 Relato de Experiência: Vivenciando a Salinha	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	61
3ª PARTE Perspectivas Profissionais	65
APENDICES	67

1ª Parte

MEMORIAL

Nasci no ano de 1993, na capital de Goiás, Goiânia. Filha de pais brasileiros, costumo dizer que eles se mudaram para Goiânia só para que eu e minha irmã, um ano e oito meses mais nova que eu, pudéssemos nascer, uma vez que aos três anos de idade vim morar em Brasília, onde fui criada e vivo até hoje. Entretanto, a verdade é que esse curto tempo em que morei no subúrbio de Goiânia foi muito importante para minha vida, principalmente acadêmica, pois – por incrível que pareça- carregou muitas lembranças desses primeiros anos de vida. De uma maneira rápida, gostaria de esclarecer os motivos que fizeram com que eu, filha de brasileiros, nascesse “goiana de Goiânia!” (como eu, humoristicamente, gosto de especificar).

Meus pais moravam no entorno de Brasília, numa cidadezinha, que hoje tem outra realidade em termos de tamanho, vida e consciência política, chamada Cidade Ocidental. Nessa cidade, por frequentarem a mesma igreja, uma igreja cristã evangélica, namoram e casaram na congregação, que até hoje permanece no mesmo lugar, no final da rua onde meu pai morou a vida toda e onde eles moraram nos primeiros meses de casados.

Recém-casados, uma oportunidade de emprego surgiu para meu pai em Goiânia, foi então que, muito corajosamente, decidiram mudar-se para aquela cidade desconhecida, onde tudo seria completamente novo. Cerca de um ano depois da mudança eu nasci. Minha mãe sempre conta que a maternidade, naquele momento, não era prioridade, mas que meu pai sempre escondia seus remédios, porque queria muito um bebe. Logo que nasci, meus pais me levaram pela primeira vez à igreja evangélica para uma cerimônia tradicional da religião, onde o bebe é apresentado à congregação e consagrado a Deus por meio de uma oração feita pelo pastor e pelos pais.

Morávamos num bairro novo da cidade, tínhamos poucos vizinhos, o que de certa forma foi bom, pois a comunidade ficou muito próxima. Por outro lado estávamos longe do centro da cidade e de serviços básicos, foi então que minha mãe decidiu fazer um curso profissionalizante de cabeleireira e montou um salão de beleza para ajudar nas despesas da casa. Muitas de minhas lembranças da infância são nesse salão, brincando com as coisas da minha mãe, em frente aquele espelho, que parecia ser enorme, e aquela penteadeira branca, que esteve em minha casa a até pouquíssimo tempo.

Nessa época morávamos ao lado de uma professora, a Tia Lelê, ela dava aula em uma creche e eu adorava ir com ela para a “escolinha”, não me recordo muito bem de sua fisionomia, mas lembro-me com clareza do longo rabo de cavalo castanho e do jaleco branco, eu a achava simplesmente o máximo! Acredito que foi esse primeiro contato com a figura do professor que me fez nunca ter medo da escola e me sentir muito a vontade entre as carteiras, mochilas, lancheiras, giz e quadro negro.

Aos dois anos de idade eu estava matriculada na creche e até hoje, aos vinte e três anos de idade, não me lembro de um único período da vida em que eu não estivesse estudando, a não ser nos meses de férias, em que do meio para o fim do período de folga eu já me via desesperada de saudade da escola.

Quando estava mais ou menos com três anos de idade meus pais se divorciaram e nos mudamos para Brasília. Eu, minha mãe e minha irmã, fomos morar em uma kit net, que ficava em cima de um bloco comercial no Guará II. Nesse período, eu estudava em uma escolinha no Plano Piloto, lembro-me muito pouco dela, mas das imagens que tenho dessa época, as mais fortes são do transporte escolar que me buscava e me deixava em casa todos os dias. Eu era a “caçula” do ônibus e não me esqueço dos adolescentes que já podiam escrever de caneta e de como eu queria poder escrever também.

Outra memória incrivelmente clara que carrego desses dias está relacionado com a igreja que congregávamos. Lembro-me bem da pequena congregação nos fundos do bloco que eu morava, de portas azuis e que era conduzida por uma pastora negra, muito risonha e que sempre vestia saias longas. A minha primeira memória de salinha é nessa igreja. Não esqueço, daquela sala que ficava por trás do altar onde nós, as crianças, cantávamos e brincávamos.

Depois de um ou dois anos, nos mudamos para o Gama. Fomos morar com uma tia e com três primos (três meninos), éramos cinco crianças com idades entre quatro e doze anos. Moramos lá durante um ano, período em que eu estudei em uma escolinha pertinho da minha casa. Sempre que penso naquela casa, me vejo novamente sentada na enorme mesa de madeira treinando as primeiras letras. Minha mãe sempre diz que ela quem nos ensinou a escrever. Talvez por isso, certo dia a minha professora do jardim dois decidiu que eu deveria ser adiantada para a próxima série. O que não aconteceu, pois minha mãe nunca foi a favor da ideia de pularmos etapas.

Quando morávamos no Gama, minha mãe tinha um carro antigo. Nesse carro tinha um toca fitas e a nossa alegria era ir à igreja, todos nós, as cinco crianças, minha mãe e minha tia, ouvindo e cantando bem alto, todas as músicas de uma certa cantora, que até hoje é muito conhecida no meio cristão. Foi também na igreja que congregávamos no Gama que eu, aos cinco anos de idade, fiz minha confissão de fé e me converti ao evangelho.

Nessa igreja, em que me converti não me lembro de frequentar a salinha, mas nunca me esqueço daquele lindo templo com piso lizinho e janelas grandes. Nunca vou esquecer-me das músicas que cantávamos nos cultos, nem desse dia tão especial em que eu decidi que queria ir à frente de toda a congregação, reconhecer a Jesus Cristo como o meu único e suficiente salvador.

Um ano depois nos mudamos para a Candangolândia, um bairro historicamente muito importante de Brasília, onde morei por mais de sete anos e passei toda a minha infância. Quando nos mudamos para lá estava indo para, o que na época chamávamos de jardim três. Comecei a estudar na escola Zoobotânica (hoje, Escola Classe 02 da Candangolândia), uma escola que faz parte do patrimônio histórico da cidade e que foi extremamente importante para a minha história e desenvolvimento cultural. Eu estudava com meus vizinho e amigos da igreja, isso era maravilhoso! Tenho muitas memórias da escola, hoje compreendo como as práticas daquelas professoras eram inovadoras.

Na querida Zoobotânica eu pude me envolver com vários projetos de artes e música, os professores incentivavam apresentações de pequenas peças, poesias, musicais etc. Eu queria apresentar alguma coisa toda aula. Nunca vou esquecer quando, na quarta série, eu escrevi e dirigi uma peça de teatro, recontando a historinha da Chapeuzinho Vermelho, e adaptando para os tempos modernos. Eu e meus colegas produzimos a peça inteira, confeccionamos cenário, roupas, ensaiávamos bastante e com muita seriedade. Um dia a professora disse que a apresentaríamos para estudantes de teatro da Universidade de Brasília.

Com certeza eu não sabia o que era uma universidade, não tinha a menor dimensão do quão revolucionário era, alunos da quarta série do ensino fundamental, indo apresentar sua peça de teatro a estudantes de artes cênicas de uma Universidade, mas achei a experiência mais incrível até aquele momento!

Foi também nesse período, quando eu tinha entre nove e onze anos que decidi que queria ser do ministério de louvor na igreja. Queria cantar! Sempre me lembro de que certo dia minha mãe chamou um dos ministros de louvor na minha casa para fazer uma audição e me dizer se eu tinha talento, ela justificou dizendo que, por ser minha mãe, não poderia me dar uma posição justa, pois achava tudo que eu fazia muito lindo!

Fora a primeira vez que cantei para alguém que não fosse da família. Fiquei tão nervosa, com tanta vergonha, que obriguei o irmão da igreja a ficar de costas para mim. Mas a resposta dele foi surpreendente, pois eu sinceramente achei que ele ia dizer que eu não levava jeito, entretanto, o que ele disse me encheu de coragem e de vontade de cantar mais.

A partir daí, não parava de cantar e, na escola, além das apresentações teatrais e de dança, eu agora aproveitava cada oportunidade para cantar para meus colegas de sala. Mas foi só aos onze anos de idade que cantei pela primeira vez na igreja.

Acho que nunca senti tanto medo e vergonha. Na verdade era uma sensação que não dá pra explicar, não era algo ruim, mas também não estava confortável. Parecia que tinham várias borboletas no meu estomago e, não interessava o quanto eu bebesse água, minha boca continuava muito seca. A apresentação durou exatamente trinta segundos, os mais longos da minha vida! Mas hoje eu entendo o porquê: ali começava o meu ministério.

Ao final da terceira série, no ano de 2002, minha tia se mudou com os meninos e minha avó materna veio morar com a gente. Tudo mudou na minha casa, afinal uma casa que tinha cinco crianças, agora era habitada por uma senhora com cerca de setenta e dois anos de idade. A confusão e barulheira teve que dar espaço a calma e ao silêncio.

Entretanto, esse silêncio era rompido todas as manhãs, quando minha avó, bem cedo, ao acordar, sentava na sua cama, ainda de camisola (suas camisolas de tons pastel e bordados de florzinhas coloridas), abria a velha Harpa Cristã e cantava uma ou dois hinos. Meu quarto era bem na frente do dela e eu achava lindo ouvir a voz tão grave que ela tinha, mas que era tão suave e tão sincera. Não havia diferença nenhuma na postura que ela tinha ao cantar sozinha em seu quarto ou ao cantar em cima do altar, em frente a toda a congregação. Hoje entendo que ela cantava sempre mirando apenas uma pessoa, por isso não interessava a plateia, seu louvor era somente para Deus.

Ainda antes de completar doze anos de idade eu tive um problema muito sério nas minhas cordas vocais, nenhum médico conseguia descobrir o que causava aquele inchaço que não sedia, nem com todo o exercício vocal que eu fazia incessantemente. Esse inchaço me fazia acordar todas as manhãs quase sem voz e me impossibilitava de cantar. Foi então que minha mãe me lembrou de algumas histórias de milagres bíblicos e decidimos parar com os tratamentos médicos. A partir daquele dia, ungiamos meu pescoço e orávamos todas as noites, pedindo a Deus que me curasse; menos de um mês depois eu simplesmente parei de acordar rouca, e entendemos que eu estava curada!

Essa foi, sem dúvida, a maior experiência de minha infância! Foi quando eu entendi que Deus tinha um propósito comigo e com a minha voz. Depois daquele dia eu consagrei o meu louvor a Ele. Não fazia parte do louvor da igreja, mas sempre que tinha alguma reunião de oração na minha casa eu cantava, passando por cima de toda vergonha e daquele medo que eu sentia.

Quando completei doze anos, ao final da quinta série me mudei para o Guará novamente. Minha mãe trabalhava no Plano Piloto e decidiu transferir a mim e a minha irmã para escolas mais próximas ao trabalho dela. Foi então que realmente conheci o grande avião. Estudei em duas escolas muito conhecidas no Plano Piloto, da sexta série até o final do ensino médio, voltava para casa apenas para dormir, principalmente quando aos treze anos me mudei com minha mãe e irmã para a Samambaia, onde vivo até hoje.

Nas escolas no Plano eu, mais madura, tive a oportunidade de desenvolver vários projetos de artes, principalmente relacionados à dança e música de forma geral. Eu adorava ir para a escola, pois sabia que lá eu tinha um espaço para me superar, para me expressar, para ser artista! Durante todo o ensino médio pensei seriamente em ingressar em uma faculdade de artes cênicas, ou plásticas, pois sempre gostei muito de desenhar e de fazer trabalhos artesanais.

No mesmo período, quando eu tinha cerca de dezesseis anos, eu entrei oficialmente para o ministério de louvor, onde cresci muito, musicalmente falando. Além de cantar no altar, eu retornei a salinha para cantar para as crianças da igreja, fazer peças de teatro e participar de todo o trabalho que era feito na evangelização infantil, agora como ministra e professora. Todo o meu tempo se dividia entre, estudar para passar no vestibular na escola e me dedicar ao ministério de louvor e infantil na igreja.

Já no terceiro ano do ensino médio, depois de várias outras escolhas e mudanças de direção, decidi que queria ser pedagoga e aprender mais sobre o ensino para crianças. Prestei vestibular, mas foi pelo PAS- Programa de Avaliação Seriada, que ingressei na Universidade de Brasília, aos dezessete anos de idade.

A primeira impressão da Universidade não me lembrou em nada a magia que recordava da vez que estive na Faculdade de Artes, ainda criança. Era um mundo completamente novo e eu estava assustada com tantas siglas e departamentos e com tanta distância. Mas em menos de quinze dias as aulas teriam início e eu seria uma universitária. Estava orgulhosa e desesperada!

A primeira semana de aula foi absolutamente inesquecível! A semana de recepção aos calouros, em que o temido trote deu lugar à solidariedade. Foi surpreendente encontrar-me com veteranos tão amáveis e com tanta boa vontade em nos fazer sentir em casa, em nos fazer sentir pertencentes. Foi muito bonito e me motivou a repetir o mesmo ato de carinho com meus calouros nos sete semestres seguintes.

Com tudo isso, infelizmente, depois de duas semanas me veio o susto. Percebi que tudo tinha mudado e que na academia não tinha tanto espaço para minhas manifestações artísticas, uma vez que sou estudante do período noturno. À noite a UnB é outra Universidade, muito diferente da que é tão viva e cheia de energia a luz durante o dia. No período da noite, os alunos são antes trabalhadores, o clima era completamente diferente do escolar.

Mais do que a dificuldade, que pra mim se tornou impossibilidade, de desenvolver algum projeto voltado para minhas ambições musicais, me vi em um ambiente completamente hostil a minha fé! Escutava a todo instante o quão patéticas eram as pessoas que acreditavam em minhas crenças. O ambiente

onde mais ouvi as palavras “aceitação do diferente” foi também o que mais vi preconceitos religiosos, principalmente para com as religiões cristãs. A pedagogia do amor e da autonomia, rapidamente, se transformava na pedagogia da opressão.

Confesso que em algum momento eu mesma me perdi em meio a tantas certezas e negações da minha fé. Fui cada vez mais me afastando do que eu era em busca da aceitação do todo. Para saber mais sobre tudo, me esqueci do que eu já sabia e neguei minha fé.

Tentando encontrar meu caminho na pedagogia, não sabia muito bem o que gostaria de estudar, que vertente seguir. Foi então que conheci o projeto de Economia Solidária, que atuava em uma escola em Alto Paraíso- GO. Apaixonei-me pela escola e pela comunidade, mas infelizmente, não pude continuar no projeto no semestre seguinte.

Percorri várias áreas da pedagogia para conhecer todas as possibilidades. Uma disciplina me marcou bastante nesse percurso, a disciplina que tratava da alfabetização de jovens e adultos, na qual ajudávamos no processo de alfabetização de dois senhores, avós de uma estudante do curso. Foi uma experiência incrível em que tive um contato prático com as teorias de Paulo Freire e me apaixonei mais ainda por suas ideias tão revolucionárias de educação. Nessa época, eu quis muito enveredar em um projeto de EJA, mas como todos os estudantes do noturno, eu trabalhava durante o dia e não poderia estar nas reuniões. Tive que escolher outro projeto.

Foi então que conheci o LAMCE- Laboratório de Artes, Música, Cultura e Educação, foi amor à primeira vista. O projeto era aos sábados, em um município da Cidade Ocidental, e se esmerava em ensinar música às crianças daquela comunidade, mas em uma perspectiva revolucionária e completamente avessa a tradicional. Particpei do projeto por um ano, até que ele chegou ao fim, por inúmeros motivos.

Em todo esse processo eu já havia esgotado todos os meus projetos, só me faltava o último que é referente à escrita do trabalho final do curso, e eu ainda não tinha ideia do que pesquisar, qual caminho seguir, que pedagoga eu gostaria de ser.

Além da “crise” acadêmica, estava passando por vários problemas pessoais e familiares quando recebi um convite que a princípio eu não queria aceitar. Fui convidada a passar o carnaval de 2015 em um retiro espiritual de uma igreja cristã evangélica. Como eu disse, não queria ir, mas fui assim mesmo e, hoje sei, foi a melhor escolha que eu poderia ter feito.

No retiro tive um verdadeiro encontro com Deus, me lembrei de quem eu fui um dia, e de como me relacionava com Ele, reencontrei a minha fé e me

recobri de forças para ser alguém melhor e superar tudo que passei. Foi depois disso que entendi o propósito de estar em uma faculdade cursando pedagogia.

Ao retornar para o corpo da igreja, voltei a frequentar os cultos em uma congregação bem próxima a minha casa, o Ministério Água Viva para as Nações, onde tenho me dedicado ao ministério de louvor e ao trabalho com os jovens entre quinze e vinte e três anos de idade.

Durante esse ano, eu me perguntei como poderia desenvolver um projeto de pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso e não conseguia pensar em nada, até que, em uma oração pedi a Deus que me ajudasse a escrever algo que fosse novo e que tivesse significado para mim. Foi então que me lembrei da salinha! Aquela em que eu aprendi tantas coisas, que me ajudou a desenvolver minhas habilidades e me orientou sobre tantas situações na vida, a que me motivou a cursar pedagogia e me ensinou a ser professora, antes mesmo de estar em uma universidade.

Decidi, então, estudar como se dá a prática de ensino e evangelização na salinha da minha congregação, voltando-me para esse ambiente tão familiar, mas agora com um olhar científico, o qual nunca havia tido antes, enxergando esse ambiente de educação tão rico e tendo a oportunidade de chamar a atenção para que mais pesquisadores o conheçam e estudem.

2ª Parte

A EDUCAÇÃO EM AMBIENTES DE APRENDIZAGEM NÃO FORMAL: UM ESTUDO DE CASO

INTRODUÇÃO

A crise da modernidade e todos os terríveis acontecimentos do início do século XX levantaram sérios questionamentos sobre a soberania da ciência como verdade única, assim como críticas à suas produções, esses questionamentos abriram espaço para novos campos, inclusive de produção do conhecimento, que não eram tratados como saberes e processos educativos.

Outras dimensões da realidade social, igualmente produtoras de saber, vieram à tona, tais como as que advêm do mundo das artes, do “mundo feminino” das mulheres, do corpo das pessoas, das religiões e seitas, da cultura popular, das aprendizagens do cotidiano, via a educação não formal. (GOHN, 2009,p.3)

Quando observamos as realidades sociais mais contemporâneas, percebemos a constante necessidade que a Educação tem de ultrapassar as barreiras do ensino formal e dos muros da escola, isto é, a educação como ação existe e acontece naturalmente em outros espaços, tais como, familiares, religiosos, de lazer, associativos e em todo ambiente em que haja relação humana.

Nesse sentido, torna-se impossível pensar Educação somente a partir da ótica escolarizada, metódica e formal, implica-nos a missão de investigar o caráter mais humanista da Educação e as diversas manifestações que ela pode ter presente em todos os meios sociais, isto é, praticas educativas em ambientes não formais. Com relação a essas manifestações não formais de educação e a seus agentes, Gadotti (2003, p. 15) enfatiza que “a sociedade civil (ONG’s, associações, sindicatos, igrejas...) está se fortalecendo não apenas como espaço de trabalho, mas também como espaço de difusão do conhecimento”.

É importante mencionar que, principalmente e desde meados dos anos de 1950, esses novos ambientes possíveis a Educação, estão movimentando fortemente a dinâmica da dualidade entre sociedade civil e políticas públicas desse país. Isso porque, os ambientes não formais têm uma enorme potencialidade para a organização de indivíduos em grupos e, assim, em Movimentos Sociais, um exemplo desses movimentos é o de Educação

Popular, que nasce às margens da sociedade e das instituições formais de educação, para tratar de interesses educacionais do povo que servissem ao próprio povo, o que Paulo Freire chama de educação para a autonomia e como prática de liberdade onde, em suas palavras, “a leitura do mundo precede a leitura da Palavra” (FREIRE, 1986).

Entretanto, ainda hoje, um século após a terrível guerra, podemos afirmar que os ambientes de educação não formal são pouco estudados pelas academias e que são carentes de pesquisas científicas, críticas e de caráter reflexivo. Mais do que isso, alguns estudos, erroneamente, ainda acabam por estigmatizá-la através de critérios formais, reduzindo o que há de mais rico no campo da educação não formal (GADOTTI, 2005).

Observando esse déficit, buscando acrescentar aos estudos em Educação que reflitam sobre as práticas educativas para além do ensino formal de educação, aprofundamo-nos no estudo desses novos ambientes de educação e organização da sociedade civil que se configuram em um novo campo da Educação.

Através do estudo de um caso, o presente trabalho tem como principal objetivo mostrar como se dá a prática pedagógica no ensino de crianças que frequentam o ambiente de educação não formal de uma igreja cristã evangélica na periferia do Distrito Federal que, assim como geralmente acontece com os movimentos que configuram esse tipo de ensino, está silenciado e não é enxergado pela academia, pois não está situado na grande área de processos escolarizáveis, e é negado pelo senso comum.

Contudo, Freire (1996, p. 47) afirma que “a mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de superação, no fundo, o nosso sonho”. É o que pretendemos fazer aqui: a partir dessa primeira denuncia, da negação desse espaço, anunciar a existência do mesmo. Para tanto, dividimos esse trabalho em dois capítulos: no primeiro trazemos teorias e conceitos do campo da Educação e no segundo apresentamos um relato de experiências no ambiente de educação não formal, conhecido como salinha.

Capítulo 1. EDUCAÇÃO E A SOCIEDADE

Esperando somar-se aos estudos de educação não formal no Brasil, esse primeiro capítulo tem como objetivo aproximar o tema e o objeto desse trabalho, apresentando os temas concernentes à Educação como aspecto macro, como movimento que assume diferentes formas, até chegar a educação não formal e para além, mais especificamente, mirando nossas lentes na manifestação micro desse movimento educacional, em um ambiente de educação chamado de salinha, em uma igreja evangélica da Samambaia, Distrito Federal.

Começamos dizendo que, de maneira simples, educação é a relação humana em que há um compartilhamento de saberes, quais sejam culturais, de valores, informativos, ou quaisquer outros saberes de importância significativa em um determinado grupo, comunidade ou sociedade.

Não podemos ignorar a força que a educação exerce na vida das pessoas, pois entendemos que ela é uma das principais responsáveis pela transmissão da cultura de um grupo ou sociedade, por isso afirmar-se que a manutenção ou a mudança na percepção da realidade passa necessariamente pela via educacional. (MONTEVECHI, 2005, p.20)

Tendo em vista os objetivos e intencionalidades da ação educativa e o “poder” de manutenção ou mudança, acima citado, se observarmos as culturas mais remotas será possível identificar relações educacionais em todas elas desde seus primórdios, mesmo nas primeiras formas de transmissão e manutenção de conhecimento cultural, quando suas manifestações eram exclusivamente orais. Nesse sentido, para este trabalho, torna-se importante delimitar um conceito de educação, para que depois seja possível apresentarmos as suas possibilidades e formas mais contemporaneamente reconhecidas.

Se observarmos a etimologia da palavra educação, encontraremos no latim os termos *Educare*, que significa a ação de amamentar, alimentar, cuidar e criar, o termo tem um sentido de doação, e *Educere*, que se refere a desenvolver, modificar, extrair, tirar, tendo um sentido de conduzir, mover ou fazer sair. Nessa perspectiva, podemos imaginar que, etimologicamente educação é a dialeticidade de doar a alguém, extraíndo dele mesmo.

Entretanto, Planchard complementa essa ideia a partir de outro termo, *Educatio*.

Educar, em seu sentido etimológico, é conduzir de um estado para outro, é agir de maneira sistemática sobre o ser humano, tendo em vista prepará-lo para a vida num determinado meio. O termo *Educatio* (educação) parece sintetizar aqueles dois outros: criação, tratamento, cuidados que se aplicam aos educandos, visando adaptar seu comportamento a expectativas e exigências de um determinado meio social. (PLANCHARD apud LIBÂNEO, 2002, p.72)

Ainda na tentativa de conceituar educação, citamos quando Montevechi (2005) quando, ao estudar Educação, acrescenta ao conceito de Libâneo e diz que educação é a

transmissão intencional de determinada cultura com o objetivo de levar certos valores, crenças, símbolos e atitudes de uma coletividade ou sociedade a um ser humano, que a interpretará de forma a ser aceita e reproduzida ou ser rejeitada, auxiliando na sua forma de perceber a realidade. [...] a educação tem um caráter de socialização, ou seja, traz elementos para os seres humanos se adaptarem ao seu meio social, porém proporciona também a sua sociabilidade, que significa o uso social que este ser realizará de posse de certas informações, conhecimentos e percepções desenvolvidas pela mediação da educação. (MONTEVECHI, 2005, p.20)

É importantes dizer que existem outros conceitos de educação, baseados em outras várias correntes etimológicas, que poderiam se contrapor a esta, aqui apresentada, entre tanto, gostaríamos de nos ater as leituras que, entre outros autores, Montevechi e Libâneo, aqui citados, fizeram do conceito de Educação.

Nessa perspectiva, destacamos que, mais que simples conceito, educação é, como já foi dito, uma ação, uma prática de relação social, dessa forma, pela diversidade das possibilidades das relações humanas, a educação não se dá de uma única forma, apresenta-se em diversas possibilidades educativas e está sempre carregada de várias significações sociais

Aprendemos que o tempo de escola não é o único espaço de formação, de aprendizado e de cultura. O fenômeno educativo acontece em outros espaços e tempos sociais, em outras instituições, nas fábricas, nas igrejas e terreiros, nas famílias e empresas, na rua e nos tempos de lazer, de celebrações e comemorações, no trabalho. (ARROYO apud FRIGOTTO, 2002)

Nesse contexto, há espaço para manifestações de uma educação não intencional ou, como defendem Libâneo (2002) e Afonso (1992), educação

informal e ainda para uma segunda forma de educação que Gadotti (2005) e Gohn (1999) vão chamar de educação não formal.

Nesse trabalho, temos como foco principal o estudo das possibilidades da educação não formal, entre tanto, é necessário que se faça, ainda que de maneira breve, as devidas explicitações, diferenciações e definições dos conceitos das três principais possibilidades de educação, defendidas e conceituadas por vários autores, inclusive os citados nesse trabalho até agora: educação formal, educação informal e finalmente educação não formal.

1.1 Educação formal, educação informal e educação não formal

Educação formal é, essencialmente, aquela que se baseia em estruturas sistemáticas de ensino, que de forma organizada, obedecem a normas curriculares previamente estruturadas por órgãos competentes e pedagogicamente capacitados.

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. (GADOTTI, 2005, p.2)

Dessa forma, seus espaços de educação estão situados em instituições certificadoras e regulamentadas por lei, ambientes normatizados, territórios escolares e espaços organizados de acordo com as diretrizes nacionais, com padrões e regras previamente definidos para todos os agentes inseridos no contexto dessa escola ou instituição.

Nesse sentido, a educação formal requer, não apenas um local específico, mas todo o tipo de organização metódica, como sistematização e sequencialização de atividades bem elaboradas, disciplinamento, organização curricular, além de pessoal especializado. Por isso mesmo, geralmente as turmas são divididas em grupos “nivelados”, seja por idade ou conhecimento. Como foi dito anteriormente, para além das normatizações, toda essa organização e método têm objetivos muito claros.

[...] entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc. [...] espera-se, sobretudo que haja uma aprendizagem efetiva (que, infelizmente nem sempre ocorre), além da certificação e titulação que capacitam os indivíduos a seguir para graus mais avançados. (GOHN, 2006, p.30)

Tendo em vista o que já foi dito, é importante sublinhar que a educação formal se utiliza, essencialmente de mecanismos de “progressão”, isto é, aprovação e reprovação, e certificação em uma cadeia, predominantemente, sequencial.

Em contra partida, a educação informal tem como principal característica a inexistência de sistematização e organização metodológica, preocupando-se com a simples veiculação da informação. Nesse contexto, ela se dá nas relações familiares e de convívio social e comunitário, nas atividades de lazer, como teatro e passeios e nas leituras de revistas e jornais.

Podemos afirmar que a educação informal é a prática mais cotidiana da educação, porque está constantemente presente nos diversos espaços da sociedade. Afonso (1992) explica que ela é informal porque não tem intencionalidade educacional.

Entretanto, a ausência de método e intencionalidade não a desqualifica de forma alguma, mas a ação cotidiana de educação informal a torna essencial, uma vez que, segundo Gohn (2006, p.29) “a educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança”.

Ainda que não haja intenção de educação nas vivências cotidianas, é inegável a extrema importância da educação informal na construção do ser e de uma sociedade. Gohn (2006) também afirma que, por acontecer no meio das relações, a educação informal atua no campo das emoções dos sujeitos.

Como área de conhecimento, a educação não formal, ainda é um campo a ser desbravado, talvez por isso mesmo seu conceito, muitas vezes, tem sido

confundido e algumas pessoas insistem em chamar seu campo de atuação, erroneamente, de educação informal.

A pesar de educação não formal ser uma área ainda em construção (GOHN, 2006), já existem alguns conceitos formulados sobre o que ela seria. La Belle (1982) afirma que “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população” pode ser considerada educação não formal, em contra partida, Gadotti (2005) defende que educação não formal não é a oposição da educação formal, uma vez que acredita que a educação formal pode “aceitar a informalidade, o ‘extraescolar’”. Afirmando essa posição, Gohn (2009) ressalta que educação não formal deve ser conceituada e valorizada sem, com isso, excluir a importância da educação formal.

A educação não formal não deve ser vista, em hipótese alguma como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Ela não deve ser definida pelo o que não é, mas sim pelo o que ela é – um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos. (GOHN, 2009, p.32)

É também nesse sentido que Gadotti diz que o conceito de educação não formal deve ser definido “pela sua especificidade e não por sua oposição a educação formal” (GADOTTI, 2005, p.2) e apontando as especificidades da educação não formal.

A educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. (GADOTTI, 2005)

Dessa forma, educação-não formal acontece fora do sistema formal, mas não é desprovida de organização e intencionalidades, por isso mesmo não se pode, de modo algum, chama-la de informal, ainda que ela aconteça, geralmente, fora dos muros da escola; outra afirmação que não podemos fazer é que ela só aconteça fora das demarcações escolares ou de outras instituições de educação formal, isto por que mesmo dentro desses espaços podem ser realizadas atividades de educação não formal, um exemplo são as manifestações e participações comunitárias nesses ambientes através dos

conselhos, assembleias populares e fóruns, “Em todas elas a educação não formal está presente, como processo de aprendizagem de saberes aos e entre seus participantes”, afirma Gohn (2006, p.33) que segue explicando esse fenômeno dando o exemplo dos conselhos escolares.

Nos conselhos se entrecruzam necessidades advindas da prática da educação formal/escolar, com a educação não formal, principalmente no que se refere a participação dos pais e outros membros da comunidade educativa nas suas reuniões.” (GOHN, 2006, p.33)

Isto acontece, justamente por que o espaço físico não é específico ou fixo tão pouco é normatizado na prática da educação não formal, muito pelo contrário, o espaço acompanha as trajetórias, demandas e interesses de vida dos grupos, por isso mesmo, espaço é uma categoria muito importante que caracteriza a educação não formal - por suas múltiplas possibilidades de ser.

Para melhor ilustrar essa categoria, citamos como exemplo alguns dos espaços possíveis a manifestação de educação não formal: os sindicatos, a mídia, os partidos, as associações, as Organizações Não Governamentais, as igrejas e espaços religiosos etc. Outra categoria marcante na caracterização da educação não formal é o tempo, tão importante e flexível quanto a categoria espaço, respeita as capacidades e diferenças de todos que fazem parte do processo educativo. Ainda sobre essas características da educação não formal, é importante dizer que ela

atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da autoestima e do empoderamento do grupo, criando o que alguns analistas denominam o capital social de um grupo. Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo. (GOHN, 2006, p.30)

Todo esse processo acontece de forma “livre” e dinâmica, isto é, sem formatos únicos ou permanentes, mas a partir de conteúdos que emergem do próprio grupo, sem formas preestabelecidas e sim por demandas e necessidades percebidas a partir da problematização do cotidiano e vivências dos membros.

Desse modo, os conteúdos vão surgindo e sendo construídos no processo e de acordo com as ações a serem realizadas no e para o grupo. Entre tanto, é importante lembrar que há sempre uma intencionalidade nos espaços e processos de educação não formal, e que não se pode perdê-la de vista, por isso certa provisoriabilidade e abertura a mudanças são necessárias no caminhar e desenrolar dos acontecimentos no ambiente de aprendizagem não formal, o educador deve ter sempre em mente que os percursos, metas e caminhos podem sofrer constantes alterações e exigem dinamismo.

Essa mesma dinamicidade possibilita que os processos de ensino-aprendizagem sejam significativos para todos, já que o comportamento, necessidades e movimentos dos membros interferem diretamente nas mudanças ao longo do processo, esse “interferir” nas possibilidades trás aos indivíduos a sensação de pertencimento no grupo e possibilidade de compartilhamento dos saberes, isso se torna importante uma vez que “só aprendemos quando nos envolvemos profundamente naquilo que aprendemos, quando o que estamos aprendendo tem um sentido para nossas vidas.” (GADOTTI, 2005, p.3).

Como resultados possíveis na vivência da educação não formal, principalmente por causa da característica de dinamicidade acima citada, Gohn afirma que

A educação não formal poderá desenvolver, como resultados, uma série de processos tais como: consciência e organização de como agir em grupos coletivos; a construção e reconstrução de concepção (ões) de mundo e sobre o mundo; contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade; forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas capacitação para entrar no mercado de trabalho); [...] resgata o sentimento de valorização de si próprio (o que a mídia e os manuais de autoajuda denominam, simplificada, como a autoestima); ou seja dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais, etc.); os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca. (GOHN, 2006, p. 30)

Nesse sentido, a educação não formal, contribui para que o “grupo menor” aprenda a conviver com seus pares, dentro do grupo, e com os “grupos maiores” os quais ele está inserido, isto é entender as diferenças, se

percebendo e percebendo o outro e se percebendo e percebendo seu grupo em sociedade.

Ressaltamos que dinâmica da educação não formal contribui para a construção coletiva da identidade de um grupo e a delimitação de regras éticas referentes aos comportamentos esperados socialmente, dentro e fora desse grupo, em todas as esferas da sociedade.

1.2 Educação não formal e movimento social no Brasil

Os movimentos sociais se constituem em ambientes de educação não formal na sociedade civil, pois é também nesse espaço que as discussões são geradas e norteadas pelas demandas das comunidades, nesses ambientes se tem solo fértil para que eles- os movimentos sociais- nasçam e floresçam.

A intervenção social dos grupos em diferentes conjunturas sociais, políticas e econômicas, tornam-se possível, graças às contribuições, citadas anteriormente como resultado da prática da educação não formal, em que se trabalham habilidades de discurso e empoderamento desenvolvidas nesses ambientes de aprendizagem. Nesse sentido, as comunidades refletem sobre si mesmas (percebendo quem são), entendem suas necessidades, criam caminhos de soluções possíveis e, de forma organizada, interferem na sociedade em níveis “mais altos” do poder público, podendo ser motor de mudanças políticas no Estado.

Sobre as possibilidades interventivas dos movimentos sociais, Gohn (2006, p.34) afirma que “as novas práticas constituem, assim, um novo tecido social denso e diversificado, tencionam as velhas formas de fazer política e criam novas possibilidades concretas para o futuro, em termos de opções democráticas.” Entretanto, a Educação não formal “foi um campo de menor importância no Brasil, até os anos de 1980, tanto nas políticas públicas, quanto entre os educadores” (GOHN, 2010).

Só a partir de 1990, os movimentos sociais começaram a dar origem a outras formas de organizações populares, que se tornaram cada vez mais fortes e institucionalizadas, um exemplo dessas organizações são os fóruns nacionais de luta pela moradia popular. Especificamente nesse caso, da

habitação e reforma urbana, temos o próprio Estatuto da Cidade, criado só em 2001, mas que é resultado dessas lutas.

Mais um exemplo é o Fórum da Participação Popular, além de vários outros que através de organizações, que podem ser desde locais a transnacionais, são capazes de criar programas inteiros, de mudança de práticas para toda a sociedade influenciando no Poder Público, assim como foi com os projetos de orçamento participativo, que deram origem, em 2004, a um portal oficial do governo federal do Brasil, o Portal da Transparência.

Vale ressaltar que, durante a crise econômica da década de 1990, há uma grande migração de alunos de escolas particulares para escolas públicas, isso acontece porque muitos pais perderam seus empregos ou tiveram salários rebaixados e não mais podiam pagar as altas mensalidades das escolas de rede privada.

Esses mesmos pais, que tinham o habito de participar da vida escolar de seus filhos (até pela dinâmica de mercado predominante nas relações entre pais e escolas particulares), passaram a reunir-se nas escolas não só para discutir questões discernentes as salas de aula, mas a aspectos da sociedade, dos bairros e da região, tais como a falta de verbas, problemas como violência entre os jovens, drogas na comunidade etc. Buscando soluções para esses problemas, eles estabeleciam parcerias nas próprias regiões ou com outros organismos e associações.

As escolas passam então a ocupar o lugar de centros comunitários e se tornam espaços de formação e aprendizagem de educação formal e não formal (ainda que não se usasse essas nomenclaturas).

É ainda na década de 1990 que, em meio a esses movimentos, é elaborado na Conferencia Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, Tailândia, um documento que detalhava novas possibilidades de trabalho na educação básica, o “Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem”, que permitia vislumbrar a educação não formal ainda que sem mencionar os ambientes de aprendizagem não formais de educação. O que acontece apenas em 1996, com as diretrizes básicas para a educação, em que

são redefinidos os espaços possíveis à educação, os quais não ficaram reduzidos apenas às instituições escolares, como se lê

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LDB nº 9.394/96, ART.1º)

Nesse breve resumo do percurso dos movimentos sociais, observa-se que as inovações no campo democrático também são consequências das práticas geradas pela sociedade civil, tais como a educação não formal e os movimentos sociais, e que essas práticas se reinventam e transformam-se em novos formatos de participação, isto é, conselhos, fóruns, assembleias populares e parceiras etc. Esse campo, dos movimentos sociais, é também campo e importante área de estudo da educação não formal.

Movimentos sociais pela educação abrangem questões tanto de conteúdo escolar quanto de gênero, etnia, nacionalidade, religiões, portadores de necessidades especiais, meio ambiente, qualidade de vida, paz, direitos humanos, direitos culturais etc. Esses movimentos são fontes e agências de produção de saberes. (GOHN, 2010)

Isso porque, a educação nunca está desassociada da sociedade como um todo. Tudo o que acontece extramuros escolar reflete diretamente no ensino, conteúdos e objetivos de educação dentro da escola. Da mesma forma, a luta pela educação que se quer ter num contexto formal, passa pelas necessidades e mudanças que acontecem nos contextos informais e não formais de educação.

Nesse sentido, e aproximando-nos do objeto desse trabalho, ao falar da influência da sociedade civil organizada lembramos, inclusive por marcos históricos, que muitos movimentos sociais, principalmente pela educação, emergem de dentro das igrejas e organizações religiosas, pelas características únicas desses ambientes, tais como a consciência de interesses de grupo, um exemplo é o movimento chamado Teologia da Libertação, que surge na igreja católica na década de 1960, na América Latina, mas ganha força em todas as religiões cristãs e que, mais tarde, uni-se aos movimentos de Educação Popular.

Sobre esse movimento, Sanger (2012, p.1656) diz que “A Teologia e Pedagogia [...] aproximam-se ainda mais, fazendo uma proposta revolucionária de militância no olhar para os que sofrem e vivem oprimidos de alguma forma.”. Dentro dessa perspectiva, e num cenário de educação não formal, buscamos entender a dinâmica de ensino num espaço singular de educação: o ambiente de aprendizagem destinado à educação das crianças nas igrejas evangélicas.

1.3 Educação Protestante

A Educação Protestante tem início com o movimento da Reforma Protestante, em 1517, na Alemanha, quando Martinho Lutero fixa nas portas da igreja católica de Wittenberg, suas 95 teses. Esse acontecimento desencadeia uma série de movimentos que mudam o percurso da história e da educação. Isso porque, entre várias outras coisas, Lutero defendia uma educação para todos, para que todos pudessem ter acesso as Santas Escrituras.

Lutero apresenta críticas em prol de uma Reforma na Igreja e também faz propostas para uma reforma da educação escolar de sua época, até então marcada pela formação exclusiva de religiosos e eclesiásticos. Ele propõe, em dois textos de sua autoria, uma educação escolar cristã que apresente uma nova organização em relação a: currículos, métodos, professores, formas de financiamento e manutenção das escolas. Também reflete sobre a utilidade dessa educação e propõe que ela: atenda a todos; seja criada e mantida pelas autoridades públicas e não mais pela Igreja; seja de frequência obrigatória, para a qual apela aos pais e às autoridades por essa tarefa. (BARBOSA, 2006)

Em todo o discurso de Lutero, a ideia de educação está presente, isto porque ele entendia que somente uma sociedade “bem educada” poderia atuar no governo secular e espiritual. Em suas cartas, ele chegou a dar orientações e incentivar a sociedade a mobilizar-se por escolas de qualidade, de caráter público e para todos, e ainda a criação de universidades, que ele chamava de “escolas elementares”. Sem desvincular a educação da sua própria ideia de que seria ideal, ou seja, uma educação que não se desmembrasse do sentido espiritual cristão, mas que também não excluísse o “Terreno”, Barbosa (2006) diz que, Lutero requer a criação de escolas que tenham a Bíblia como o centro do ensino e que formem bons cristãos para atuarem na sociedade, quer seja como pastores comuns na pregação do Evangelho ou com autoridades da vida secular.

Por influencia dos ideais humanistas e do Renascimento na Alemanha, Lutero pregava o ensino das línguas clássicas nas escolas, para que todos tivessem a Bíblia e pudessem estudá-la e interpretá-la sem a mediação dos líderes da igreja, defendendo que a mediação entre o homem e Deus só poderia ser feita pelo próprio Espírito Santo de Deus, que revela e testifica a Palavra Santa¹ ao coração do homem.

Ainda hoje, nas comunidades evangélicas, que tem origem no protestantismo luterano, a educação segue o princípio defendido por ele, de um ensino para além da fé e da tradição religiosa, mas que possa orientar as comunidades a cerca da valorização da vida. Dessa forma, assim como a educação deve acompanhar a formação integral do homem, a educação cristã deve orientar o homem a vida plena e em sua totalidade.

A Igreja, por exemplo, atualmente direciona suas preocupações não apenas em manter dogmas ou expectativas de vivência de fé, mas sim, como real intencionalidade de ser agente preventivo e auxiliador nas dificuldades sociais comunitárias. (SANGER, 2012, p.1661)

Por conta dessas preocupações de caráter social, a educação cristã nas igrejas evangélicas está constantemente refletindo sobre sua atuação e observando até que ponto se tem alcançado seu público e até que ponto o Evangelho de Cristo está alcançando e mudando a vida dos excluídos e oprimidos pela sociedade, através de seu esforço em ensinar a Boa Nova².

“A educação cristã transcende o ambiente eclesial, ela tem como perspectiva o Reino de Deus, ou seja, o evangelho como sujeito e objeto. [...] O termo educação cristã se refere à prática educativa e a disciplina. A disciplina observa a prática, sistematiza a reflexão e a ação e instrui sobre a conceituação. Com relação à prática educativa a educação cristã visa à ação educativa que o povo de Deus realiza no seu seguimento de Cristo, perguntando pela metodologia apropriada e pelos pressupostos teóricos.” (SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998)

Isso significa dizer que, a educação dentro das igrejas evangélicas está em constante movimento, buscando evangelizar e consolidar a fé de seus membros sejam adultos ou crianças, e ao mesmo tempo olhando e buscando intervir para a melhoria da vida dos que estão desamparados pelos poderes, ainda que não estejam inseridos nas práticas religiosas, isto é, mesmo que não sejam membros, não deixando de lado nem as comunidades carentes,

¹ A Bíblia Sagrada.

² Evangelho.

nem os que têm privilégios e boa posição social, por acreditar que o Evangelho da Cruz é para todos, não importando raça, tribo ou nação. Isto é cumprir o “Ide” de Jesus, que em Marcos capítulo 16, no versículo 15, ordena: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.” (BÍBLIA, Marcos, 16, 15).

1.4 O ambiente de aprendizagem das crianças na igreja cristã evangélica: A Salinha

A “salinha”, como é chamado o espaço destinado às crianças nas igrejas evangélicas, é um ambiente de aprendizagem que pode ser desde uma sala dentro da própria igreja, um salão, um local ao lado da igreja, ou até um espaço do lado de fora (ao ar livre); isso depende da estrutura de cada igreja. O nome “salinha” – que em algumas regiões também pode ser “escolinha” – é muito mais um conceito que propriamente um lugar. Então, podemos dizer que, Salinha é o ambiente de aprendizagem não formal onde as crianças ficam simultaneamente ao culto, aprendendo o evangelho de Cristo e as histórias bíblicas em uma linguagem apropriada a sua faixa etária.

Ao longo dos anos, as igrejas têm cada vez mais entendido a importância desse espaço para além de um simples “passatempo”, ou apenas um local onde os pais podem deixar seus filhos, para participarem dos cultos sem serem atrapalhados. As igrejas cada vez mais, e a medida do possível, têm organizado espaços que propiciem o aprendizado do cristianismo e possibilitem o desenvolvimento integral das crianças, para além da religião.

Antes de tudo, é importante dizer que a igreja evangélica expandiu muito em todo o mundo, desde a reforma protestante há 500 anos, com isso nasceram várias correntes e denominações diferentes que têm costumes e doutrinas distintas uma das outras e, por muitas vezes, até contrárias. Quando se fala em igreja evangélica, não podemos pensar em uma religião homogênea, em um povo que vive e compartilha das mesmas tradições.

Por isso mesmo, não é diferente o que acontece com a ideia de evangelização de crianças em cada denominação. Aqui, falaremos de forma mais geral e de como comumente acontece, mas gostaríamos de enfatizar que nenhum conceito e relato aqui apresentado é regra, tão pouco consegue

alcançar a totalidade e complexidade da religião em suas correntes e denominações no Brasil.

Ainda assim, algo que é sólido e comum a todas as denominações de igrejas evangélicas é a importância do ensino às crianças, uma vez que esse é um dos pilares do cristianismo. Para que se possa mensurar melhor essa importância, é necessário aproximarmo-nos do texto base do cristianismo, a Bíblia Sagrada. Em uma passagem bíblica o próprio Jesus afirma que “das crianças é o reino dos céus” (Bíblia, Mateus, 19, 14). Em outra passagem Jesus Cristo mais uma vez reforça a importância das crianças para o Seu Reino

Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus. Portanto, quem se faz humilde como uma criança, este é o maior no Reino dos céus. Quem recebe uma destas crianças em meu nome, está me recebendo. Mas se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe seria amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar. (BÍBLIA, Mateus, 18, 3-6)

Mais do que afirmar o espaço da criança e dizer que ela merece conhecer a história de Cristo e a Bíblia como um todo, o sábio Salomão orienta em um de seus provérbios o ensino à criança em qualquer circunstância, para a religião ou para a vida, e revela a relevância de ensiná-la, dizendo “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e mesmo quando for idoso não se desviará dele” (BÍBLIA, Provérbios 22:6). Aqui ele afirma o valor da infância na constituição do ser.

É inegável a importância que o cristianismo dá à criança e ao seu ensino, em toda a Bíblia, a figura da criança aparece, pelo menos, quarenta vezes. Por isso, reafirmamos que o ensino da criança é, sem dúvida, um pilar da religião cristã, especificamente na religião evangélica, objeto de nosso estudo.

Como foi dito anteriormente, ao longo dos anos, o ambiente de aprendizagem das crianças nas igrejas evangélicas, as Salinhas, foram ganhando atenção e cuidado especial. Talvez pelo entendimento, de uma forma ou de outra, do que FRAAS (1997) afirma quando diz que “As ‘formas de

fé', o saber da fé, o comportamento social e ritual adequado à fé, as escalas de valores correspondentes à fé, são transmissíveis.”.

Com o entendimento da grande valia que o tempo nas salinhas pode ter, até para a “conservação” da religião, os espaços passaram a ter extrema importância e em muitas denominações há equipes, departamentos e ministérios, unicamente para desenvolverem ações e atividades, específicas para as crianças. Essa equipe, na grande maioria das vezes, é composta por membros das igrejas que se voluntariam, por serem dispostas ao trabalho com as crianças, ou até mesmo por necessidades da congregação, isto é, falta de pessoal, e que têm alguma facilidade em falar para crianças, não importando seu nível de escolaridade ou se tem alguma formação docente.

Todo o trabalho nas igrejas é realizado por quem se dispõe a ele. Entretanto, há algumas instituições que criam materiais pedagógicos específicos para as salinhas e para a evangelização de crianças, que além de ilustrações e sugestão de atividades, produzem revistas para o estudo bíblico com linguagem adequada a elas e ademais promovem treinamentos de equipes para a evangelização dentro e fora das salinhas.

Um exemplo dessas instituições é a APEC- Aliança pró Evangelização das Crianças, criada em 1937 pelo Reverendo Jesse Irwin Overholtzer, nos Estados Unidos, que em 1941 chega ao Brasil. Entre outros princípios, a APEC tem como objetivo formar líderes espirituais que possam conduzir de forma saudável um departamento infantil e levar o evangelho de Jesus Cristo as crianças, de forma simples e coerente às suas especificidades cognitivas.

A Aliança pró Evangelização das Crianças é uma obra missionária e hoje atua em aproximadamente 190 países. Ainda assim, a grande maioria das igrejas evangélicas no Brasil não adota nenhum tipo de revista ou programa de treinamento, como os da APEC. A verdade é que, como já foi mencionado, cada denominação tem uma forma específica de trabalhar.

Vale lembrar que, por conta do crescente número de pedagogos no Brasil, muitos deles evangélicos e atuantes nos ministérios infantis das igrejas, algumas denominações já têm equipes especializadas que criam seus próprios materiais e treinamentos específicos ao ensino e evangelização das crianças,

entre tanto, como também já dissemos, isso ainda não é o mais comum, é sim a minoria, em todo caso, essa “profissionalização” e capacitação dos educadores dos departamentos infantis é um grande vislumbre e ideal para a comunidade evangélica.

Esse trabalho buscou compreender como se dá a prática pedagógica no processo de evangelização das crianças na salinha, tendo em vista toda essa dinâmica, aqui explicada. Mas, para que posteriormente possamos apresentar a nossa pesquisa, torna-se necessário desenhar aqui o cenário das salinhas pelo Brasil. De maneira mais geral, o que realmente acontece é que algumas pessoas se voluntariam a serem professores nas salinhas e se dedicam a fazerem o melhor trabalho possível, ensinando o que aprenderam ao longo da caminhada cristã.

Algumas vezes, para a dinamização das atividades, são divididos grupos por faixas etárias que, na maioria das congregações que se utilizam dessa estratégia, são organizados com crianças de 0 a 2 anos, de 3 a 6 anos, de 7 a 10 e, em alguns pouquíssimos casos, até 11 a 12 anos, com algumas variações; outra possibilidade é a inexistência de divisão, nesse caso, na maioria das vezes, há um berçário para que as crianças menores possam ser atendidas caso os pais necessitem de algum apoio durante o culto, que comporta crianças de 0 a 2 anos, dessa forma, as crianças menores ficam no templo junto com os adultos e são levadas a esses espaços em casos específicos, e ainda, há uma classe única de crianças de 3 a 10 (ou 11 anos), onde ocorrem atividades variadas que alcancem todas as crianças. Em todos os casos, nesse contexto, as aulas não seguem um currículo ou programação de sequências didática e são geralmente temáticas.

Um aspecto muito importante das salinhas é que elas acontecem em um período ininterrupto, isso é, toda vez que há um culto acontece a evangelização infantil na salinha, não existe, assim, “período letivo” ou férias, uma vez que a igreja também não entra em férias; outra característica muito importante é a rotatividade de crianças nesse ambiente, isso porque toda criança que quiser participar é bem vinda nas salinhas, então muitas vezes há crianças que visitam a congregação uma ou duas vezes e não voltam mais, além das crianças que fazem parte da congregação e estão normalmente presentes,

entre tanto, não há uma obrigatoriedade de participação ou um sistema de controle de presença, importando assim que as atividades tenham início e fim em uma única aula. Nesse sentido, o ambiente de aprendizagem das salinhas é um ambiente de educação não formal.

O tempo na salinha é o período em que a criança aprende os preceitos da religião, os costumes e as responsabilidades de cada sujeito na congregação, aprendem sobre a identidade da sua igreja e da comunidade evangélica e se descobrem nesse contexto, a salinha também é responsável por desenvolver e incentivar o que os evangélicos chamam de dons e talentos, incentivando assim a emancipação e autonomia da criança para exercer funções, desde muito pequenas, nas congregações.

A salinha é o ambiente onde as crianças começam a compreender e participar da doutrina e entender os conceitos e atividades próprias da religião, além de aprenderem valores morais e princípios, sempre a luz da bíblia, como gentileza, benignidade, honestidade, noção de convívio respeitoso em comunidade etc. Esses ensinamentos são úteis e essenciais para além das vivências congregacionais, mais que isso, as atividades que acontecem na salinha, também desenvolvem os aspectos cognitivos das crianças.

Com relação a esses aspectos, Ponick (1996), fala sobre a metodologia de contar as histórias bíblicas e diz que “As histórias narradas desenvolvem a imaginação, a criatividade e a atenção, auxiliam a criança a organizar seus pensamentos e a resolver seus conflitos, além de despertarem o gosto pela leitura.”.

Nos anos finais, entre os 9 e 12 anos, as crianças começam a ser preparadas para participar dos cultos nos templos com os adultos e são incentivadas a por em prática os dons desenvolvidos nas salinhas, que podem ser em todas as áreas, ou seja, todos os departamentos, também chamado de ministérios. Esse processo é chamado de “desenvolvimento de ministério”, que pode ser o dom de cantar (o que seria o ministério de louvor), o dom de pregar (ministério de palavra e evangelização), dom de dançar (ministério de dança) e muitos outros que são muito importantes e valorizados dentro da religião e para

a dinâmica dos cultos, entre tanto, não nos aprofundaremos nesses temas, pois não são objeto de estudo desse trabalho.

Tendo em vista todos os conceitos até aqui apresentados e os objetivos da pesquisa, apresentaremos a seguir um estudo de caso realizado na salinha de uma igreja evangélica.

Capítulo 2. UM ESTUDO DE CASO

Buscando compreender como acontece o ensino da religião para as crianças, a chamada evangelização infantil, e quais perspectivas pedagógicas são adotadas em suas práticas educativas, foi realizado um estudo de caso em uma igreja cristã evangélica, localizada na região administrativa do Distrito Federal, Samambaia, na igreja Ministério Águas Vivas para as Nações, em seu ambiente de educação infantil - a salinha.

A pesquisa foi desenvolvida através do método de pesquisa-ação, usando coleta de dados por meio de observação participante e diário de intinerância, além de entrevistas guiadas por questionários semi-estruturados, seguindo os apontamentos de Rene Barbier (2007), as quais foram feitas com o líder religioso da comunidade pesquisada, o pastor presidente do ministério, e com quatro professores voluntários da salinha, afim de aqui fazer um relato de experiências. Entre tanto, como em todo estudo qualitativo, para a apresentação do relato de experiências e das conclusões mais gerais que foram possíveis ser elaboradas, faz-se necessário à apresentação dessa comunidade como um todo, isto é, antes de centralizar o olhar em um departamento, estudar a congregação, suas relações e entendimentos de si própria como participante de uma organização maior, a sociedade; um estudo etnográfico, realizado nos quatro meses de observação ativa, apresentado a seguir.

De antemão, é importante salientar que essa breve exposição que aqui será explorado, não dará conta de apresentá-la em toda sua complexidade ideológica, por tanto aqui serão apresentados aspectos mais concernentes às estruturas hierárquicas e de organização das atividades práticas, em uma tentativa de melhor contextualização sobre quem é essa congregação e qual seu papel social.

2.1 O Ministério Água Viva para as Nações

A igreja Ministério Água Viva para as Nações foi criada em 2015 pelo pastor Remolo de Andrade Junior e sua esposa pastora Polyanna Lima de Andrade. A primeira reunião do Ministério aconteceu no dia 28 de fevereiro, em um galpão alugado que interiormente era usado como depósito de óleo, nessa data o culto foi feito, ainda que o galpão estivesse sem nenhuma reforma, reunindo um número modesto de fieis, entre tanto, naquele mesmo dia começaram os mutirões de reforma no espaço e, com a ajuda da comunidade de membros da nova igreja, apenas quarenta dias depois aconteceu um culto em ação de graças e de inauguração do espaço totalmente transformado.

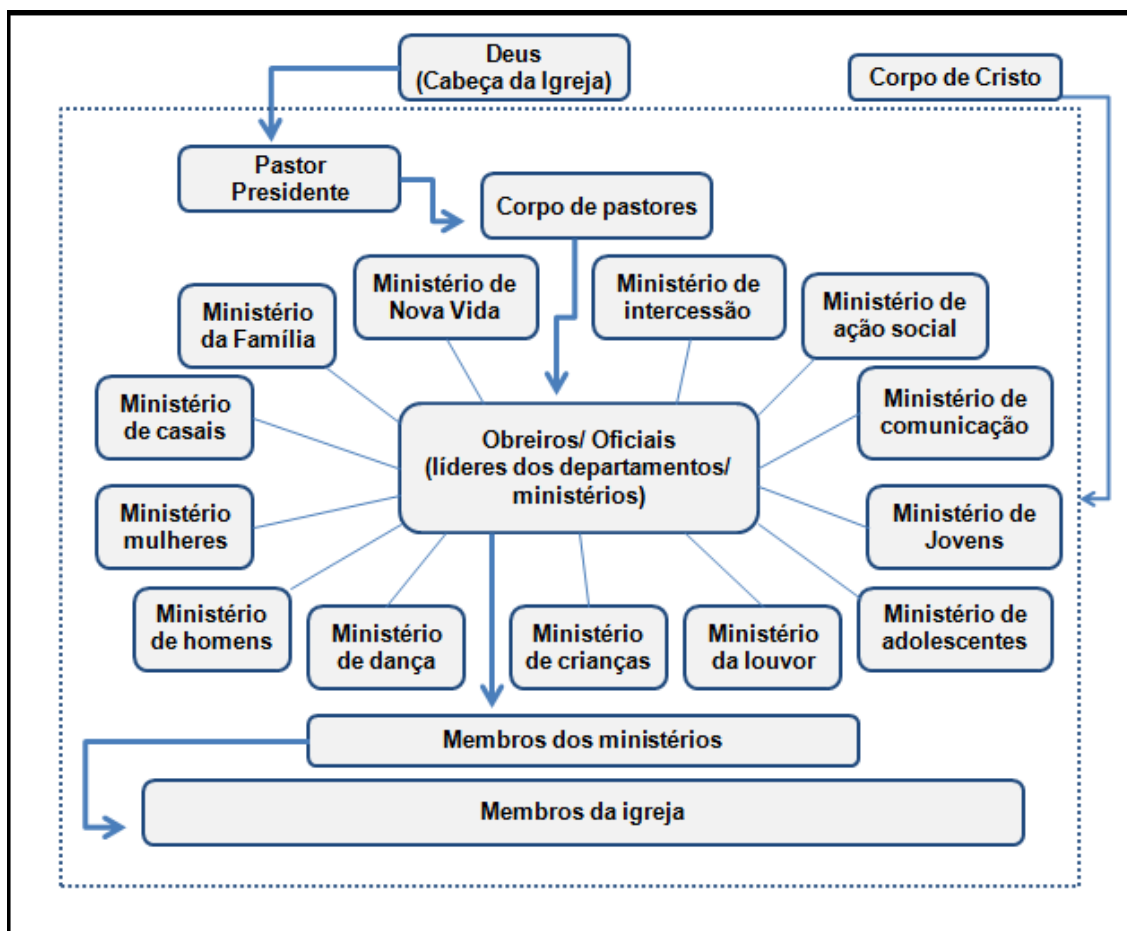
Em pouco mais de um mês a igreja do velho galpão tinha um dos templos mais bonitos da região além de uma das melhores estruturas de áudio para igrejas de Brasília. Em entrevista realizada, para melhor entender as características específicas dessa congregação, o líder da igreja, pastor Remolo Junior, diz que

O Ministério Água Viva para as Nações é uma visão que Deus nos deu [...] com o fim social, de realmente trazer a influência do céu sobre a Terra. Essa é a missão maior da igreja de Cristo Jesus, trazer os conceitos do céu, os valores do céu e, conseqüentemente, a doutrina de Cristo sobre a humanidade. (Pastor Junior, líder do Ministério Água Viva para as Nações)

Como já foi dito anteriormente, não será possível o aprofundamento nas questões mais íntimas da fé dessa congregação, entre tanto, é muito importante e relevante lembrar que um dos principais ensinamentos de Jesus Cristo foi a comunhão e o partilhar, esses ensinamentos motivam o trabalho conjunto e ações voluntárias, assim como foi com todo o processo de construção do templo da igreja.

Para que possamos entender o funcionamento dessa congregação, é necessário compreender a divisão de papéis específicos e sua estrutura que tem, em seu cerne, os fundamentos bíblicos de hierarquia. O quadro a seguir traz um esquema simplificado dessa estruturação:

1- Quadro da estrutura de hierarquia do Ministério



Quadro 1- Quadro da estrutura de hierarquia do Ministério - Fonte: A autora do estudo

Na igreja Ministério Água Viva para as Nações, em todos os ministérios, e não só no de crianças, o trabalho é voluntário e sem necessidade que se tenha uma formação específica na área ligada e esse ofício, isso acontece, pois se acredita que todo o conhecimento vem de Deus e é Ele mesmo, através do Seu Espírito, quem os capacita para que possam fazer todas as coisas (BÍBLIA, João, 14, 26), entretanto, na congregação há treinamentos voltados para a liderança, sempre com base em estudos e ensinamentos bíblicos, a chamada Escola de Profetas, que segue um cronograma de atividades e tem disciplinas específicas para o ensino dos líderes e futuros líderes da igreja e conta com sistema de matrícula e controle de presença, além de emissão de certificados por módulo, com a finalidade de instruir para as atividades que vão desde evangelização de rua, missões, até pastoreado.

Com relação à relevância marcante que o Ministério Água Viva demonstra dar ao ensino, o pastor Junior afirma que

A missão evangelística acontece em todos os contextos. No contexto mais específico de ensino a igreja se preocupa com o trabalhar o caráter, conceitos morais, conceitos éticos etc., em contextualização com o mundo e com os assuntos modernos e atuais das demandas da sociedade. (Pastor Junior, líder do Ministério Água Viva para as Nações)

Pulo Freire chamaria essa preocupação citada pelo líder religioso de “o saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos.” (FREIRE, 1996, p.58). A participação na Escola de Profetas é livre a todos os membros que queiram “seguir carreira” eclesiástica e obrigatória a quem queira ser obreiro e/ou líder de departamento. Outro aspecto importante na organização da congregação é que uma só pessoa pode fazer parte de mais de um ministério.

Os ministérios são responsáveis por todas as atividades da igreja, pelo bom andamento das mesmas e pelo acompanhamento dos membros de responsabilidade de cada ministério, ou seja, isso significa dizer que o Ministério de Jovens, por exemplo, é responsável pelo acompanhamento dos jovens solteiros da igreja, desde os assuntos relacionados à espiritualidade a assuntos que dizem respeito as suas vidas seculares, como trabalho e família, dessa forma os departamentos, ou ministérios, auxiliam na resolução de conflitos internos e externos à igreja, promovem festas e cultos especiais, além de terem como alvo evangelístico o público de sua responsabilidade.

Importa dizer que dentro de cada ministério há subdivisões de responsabilidades entre os membros, com atribuições específicas, como decoração, eventos, hospitalidade, comunicação etc., fazendo com que todo o grupo trabalhe em unidade.

Além dessa parte estrutural, torna-se extremamente importante desenhar rapidamente a filosofia mais marcante do Ministério Água Viva para as Nações, que está baseado no conceito de “Eclesia”, que em sua raiz etimológica grega significa “chamar para fora”, isso é, nas palavras do pastor Junior, “A igreja chamada a ser igreja fora das paredes do templo”, ou seja, o evangelismo e a expansão do Reino de Deus através das ações missionárias dos membros do Ministério em suas vidas seculares cotidianas, levando a igreja (que é o próprio cristão, o indivíduo) a todos os lugares do mundo; por isso o nome da igreja tem “para as Nações”, por causa do seu pilar filosófico de

missão evangelística. O pastor presidente nos falou Sobre essa missão, durante a entrevista.

A palavra do Senhor nos ensina que o homem é feito de uma tricotomia: espírito, alma e corpo, então, assim sendo, o homem tanto precisa do material, como precisa do alimento para sua alma e o alimento para o seu espírito. Então a visão Ministério Água Viva para as Nações é realmente apresentar a Cristo para os homens, visto que a palavra de Deus diz que Jesus é o sal da Terra e a luz do Mundo, então a igreja tem essa missão, de trazer luz. (Pastor Junior, líder do Ministério Água Viva para as Nações)

É justamente por causa do pilar evangelização que o Ministério se preocupa de maneira especial, com o ensino e, mais especificamente, com o ensino das crianças de modo geral.

Além da importância do ensino da criança para sua própria caminhada cristã, como mencionado no capítulo anterior, durante a entrevista, o pastor Junior ressalta que a missão da igreja é evangelística através da influencia, formando líderes capazes de promoverem mudanças em sua sociedade, assim como foi Jesus Cristo. No contexto do ensino da criança essa formação se torna ainda mais importante, pois a igreja “tem a missão de influenciar o futuro da humanidade e não existe influencia sobre o futuro sem o alcance daqueles que, de fato, são o futuro da humanidade” (Pastor Junior, líder do Ministério Água Viva para as Nações)

Para a realização dessa missão, dada por Cristo a Igreja³, quando ordenou “Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (BÍBLIA, Marcos 16:15), o Ministério Água Viva para as Nações, por meio de toda a estrutura citada, procura abarcar todo o núcleo familiar em seus métodos de ensino, preocupando-se com sua formação, voltada para alcance de toda a sociedade.

Nesse sentido, a igreja tem o objetivo de formar o que o pastor chamou de “líderes locais”, conceito que diz respeito a líderes que têm uma mentalidade global da sociedade e mundo, mas que atua em sua região local em uma missão evangelística, isso significa dizer que, a Igreja de Cristo na Terra, que é global, se torna local na sua manifestação em uma determinada sociedade, local.

³ Instituição global ou todas as igrejas cristãs (Igreja de Cristo na terra).

Nesse sentido, podemos dizer que o ensino está presente em toda vida e funcionamento da igreja, é como o combustível que a movimenta; a evangelização como um todo é um processo de ensino constante, onde todos os ensinamentos são baseados na Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada, e tudo que se pode aprender e ensinar estão nela e em seus princípios, o qual o maior é o amor, que é o próprio Deus, e o amor ao próximo. Por causa disso, “A igreja nunca instiga a separação, o preconceito ou a divisão, mas ela sempre instiga a inclusão, o perdão e o relacionamento através da comunhão.” (Pastor Junior, líder do Ministério Água Viva para as Nações)

A preocupação em espalhar o evangelho de Cristo está intimamente ligada à ordenança de amor ao próximo, dada por Cristo, e com a necessidade do fazer com que o mundo conheça o Amor (Deus). É exatamente por isso, que a estrutura de ensino da igreja busca atingir toda a sociedade a partir do núcleo familiar.

Para tanto, a igreja tem áreas de ensino que alcançam os pais e mães da congregação e que visam à resolução de problemas e acompanhamentos gerais para manutenção do casamento e da família; áreas destinadas aos jovens que também abordam temas da atualidade e de interesse da juventude para o cuidado desse público; áreas de ensino com classes para adolescentes, nas quais eles também são ensinados a partir do seu contexto de vida, baseado nos temas polêmicos da sociedade e nos ensinamentos e princípios bíblicos; e por fim, as salas do ministério infantil- nosso objeto, ao qual nos aprofundaremos a seguir.

Entretanto, previamente, pensando nos processos educacionais da congregação e suas preocupações, até aqui mencionadas, é possível fazemos um paralelo com o que Gohn afirma.

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: [...] a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor (GOHN, 2009, p.31)

Para possibilitar uma maior aproximação do objeto de estudo desse trabalho, apresentaremos de forma sintética a estruturação do ministério infantil

da congregação e em seguida partiremos para a apresentação do relato de experiência das aulas observadas e das entrevistas feitas com os professores.

2.2 O Ministério Infantil

O ministério infantil da igreja Ministério Água Viva para as Nações conta com a participação de quinze professores e, aproximadamente, cinquenta crianças fixas nas idades entre dois e dez anos de idades, além das crianças que são visitantes.

Dessa forma, para um melhor aproveitamento dos temas e conteúdos abordados, o departamento trabalha com ciclos de formação, que são divididos em três níveis: o primeiro é uma espécie de berçário, é uma sala espaçosa para mães que amamentam e para crianças de zero a dois anos, o espaço conta com camas, berços e poltronas, além de brinquedos e tapetes coloridos, o ambiente foi programado para que, no momento do culto, as mães ou pais possam assistir a seus filhos em suas necessidades sem deixar de participarem das reuniões, por isso mesmo, essa sala fica dentro do templo.

O segundo nível do ciclo é para crianças de dois a cinco anos de idade, em que as crianças ficam em uma sala preparada para recebê-las durante e simultaneamente aos cultos, a qual apenas professores e crianças têm acesso de entrada, a sala tem televisão e aparelho para recursos de áudio e vídeo, recursos para desenvolver atividades manuais, como desenhos e dobraduras além de espaço uma brinquedoteca, há também um espaço para que os professores possam contar histórias que, geralmente, têm como temas princípios bíblicos (amor, perdão, obediência, disciplina, compartilhar, comunhão etc.); e, por ultimo, o terceiro nível - onde fizemos a pesquisa de campo- que é voltado para crianças de seis a dez anos de idade, nessa sala há aparelhos de áudio e vídeo, além de outros recursos didáticos como jogos e livros, em que são trabalhados temas principalmente ligados aos chamados “heróis da fé”⁴, princípios bíblico, assuntos do cotidiano infantil e resolução de problemas a luz da bíblia.

Toda a estrutura de ensino do ministério infantil da igreja é pautada em três pilares principais, em todos os três níveis de ciclos: ensino, capacitação e

⁴ Personagens bíblicos que se destacaram por sua fé em Deus.

desenvolvimento, esses três funcionam como uma espécie de fases de conhecimentos, em que: o ensino é toda a parte de doutrina bíblica e da religião, além de costumes inerentes à própria congregação; a capacitação está ligada a apropriação dos ensinamentos para o uso social deles, dentro ou fora da igreja, como resolução de problemas e conflitos a luz do que lhe foi ensinado; e o desenvolvimento é a maturação do simples uso social para a capacidade de transformação do meio por uma ação autônoma, isto é, a criança desenvolvendo seu ministério nos espaços em que transita e, através de sua prática, evangelizando.

Esse movimento, de “passar de uma fase para a outra”, acontece quase que de forma espontânea pelas crianças, mas é bastante perceptível, além é rigorosamente buscado pelos professores, mesmo que intuitivamente, isto é, por causa dos processos e demandas da própria igreja e sua cultura de serviço ao Reino, que incentiva o fazer para se aprender com a prática, dessa forma a igreja, mesmo que sem uma consciência conceitual e epistemológica, confirma Paulo Freire quando ele diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p.12).

2.3 Relato de experiência: vivenciando a salinha

Gostaria de iniciar esse relato dizendo que observar um espaço que me é tão familiar e me colocar eticamente como pesquisadora, ainda que em uma modalidade de pesquisa tão libertadora – a pesquisa-ação – não foi tarefa fácil. Afinal, estava na minha comunidade, na minha congregação, lugar onde exerço funções e tenho um papel importante, lugar ao qual me identifico com seus princípios e acredito em seu papel social, estava observando pessoas as quais chamo de irmãos e experienciando aquele lugar que já me é tão íntimo.

Tive que fazer o exercício de me encontrar como pesquisadora, abrir minha visão para enxergar o habitual com olhar de novo, procurar naquele espaço o que ainda não tivesse visto e transpor minhas certezas voltando-me para as minhas incertezas; nessa busca peguei-me tomada pelo medo de errar ou falhar como tal.

Devo dizer que, o que me acalmou e me levou a compreender que o pesquisador nunca é imparcial, ainda que em um ambiente totalmente desconhecido, foi a leitura atenta de Paulo Freire, em Pedagogia da Autonomia, quando, ao contar sobre sua prática observativa, ele diz

Em tempo algum pude ser um observador "acinzentadamente" imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética. Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele. (FREIRE, 1996, p.7)

Então me questioneei sobre as razões éticas dessa pesquisa. As respostas para esse questionamento vieram no entendimento de que é plausível querer estudar o meio em que me situo e justo possibilitar que também outros o conheçam e estudem.

Partindo desse principio iniciei minha pesquisa, a qual realizei durante aproximadamente quatro meses em todos os cultos noturnos da igreja Ministério Água Viva para as Nações. É importante dizer que essa igreja tem sete reuniões por semana, das quais quatro são no período da noite, duas no período da manhã e ainda uma na parte da tarde. Os quatro cultos do período noturno acontecem, um nas terças-feiras, com o tema "culto da vitória", um nas quintas-feiras, de tema "Livres para adorar", e dois aos domingos, o "Culto da família". Os cultos têm duração de aproximadamente duas horas, das quais trinta minutos são destinados ao período de louvor e adoração, em que são entoados cânticos de louvor a Deus, e as outras uma hora e meia são destinadas as liturgias de ensino e doutrina bíblica.

As crianças de todas as idades participam do culto, junto com os adultos no templo, apenas nos primeiros trinta minutos e, logo depois do período de louvor, sobem para o andar superior da igreja, onde se dividem nas salinhas, portanto esse também é o tempo de aula nas salinhas do ministério infantil, cerca de uma hora e trinta minutos.

Como já foi mencionado, minha pesquisa se deu no terceiro nível do ciclo de formação do ministério infantil, a salinha para crianças de cinco a dez anos de idade. Nesse nível, a salinha funciona por escalas de professores que

se revezam, um por dia; o professor escalado fica responsável pela elaboração, ministração e pelas atividades que serão desenvolvidas naquela aula, além disso, cada aula conta com um professor auxiliar, que geralmente é um pré-adolescente (com idade entre onze e treze anos), “recém-saído” do ambiente de salinha e que sente, de alguma forma, que seu ministério na igreja, ou seja, a função que pretende desempenhar naquela comunidade, é ser professor da salinha.

Faço aqui o meu primeiro apontamento sobre a prática de escolher auxiliares dessa forma, a qual me remeteu a um dos resultados possíveis que é marcante na prática da educação não formal, proporcionar a autoestima e empoderamento nos membros do grupo, pois eles adquirem o conhecimento de sua própria prática (Gohn, 2006).

Na salinha, esse “conhecimento da prática” se dá de tal forma que, em alguns casos, esses pré-adolescentes têm tanta desenvoltura que deixam de ser auxiliares e se tornam professores da salinha. Tive a oportunidade de entrevistar um professor da salinha que hoje tem apenas 17 anos, conhecido como tio Marcelinho, ele me surpreendeu ao dizer que começou a dar aula ainda mais cedo. Em seu relato ele conta que “sempre quis participar, sempre quis ajudar a professora, sempre estive correndo atrás [...] a primeira aula que eu dei, eu tinha dez anos de idade, eu acho... isso, a primeira aula que eu dei eu tinha dez anos de idade. [...] foi maravilhoso” (Marcelo Sarmento, professor do ministério infantil).

Contando sobre suas práticas em sala de aula Marcelinho diz que procura incentivar que as crianças tenham “essa mesma vontade” que ele teve “de pregar o evangelho, de se tornar um diácono, de se tornar um pastor, de se tornar alguém na casa de Deus” e ainda nos conta sobre uma experiência que, em suas palavras, o emocionou

[...] uma menina [...] chamada G, [...] falou pra mim ‘tio Marcelinho’, ela tinha dez anos de idade também e eu lembrei muito de mim, porque eu comecei assim com dez anos de idade, aí ela me falou ‘tio Marcelinho, o senhor deixa eu dar aula um dia?’ falei ‘Gabriela, eu to escalado tal dia da semana, você pode preparar sua aula, você me fala o que você precisa que eu vou trazer, eu vou ser o seu auxiliar’[...] a G deu uma aula sobre João três, dezesseis, que eu não me esqueço nunca [...] e a G deu uma aula espetacular e aquele sentimento de missão cumprida veio no coração, porque a G já passou! Com os dez

anos de idade, a mesma idade que eu comecei a G já começou! E aí eu conversei com a minha líder, [...] falei 'Vamos escalar a G pra dar aula! Eu me responsabilizo, eu entro em sala junto com ela... o que for preciso!'. E a G, até hoje, [...] acho que são treze anos que a G tem e até hoje ela dá aula. (Marcelo Sarmento, professor do ministério infantil)

Em uma de minhas observações, pude participar da aula de uma garotinha chamada Sara, de onze anos de idade. Emblematicamente, pude perceber o domínio que ela tem ao dar aula, pude testemunhar o que acredito que Paulo Freire queria dizer quando falava que a liberdade incentiva à autonomia, e que a autonomia, por sua vez, também é um exercício de liberdade e tomada de decisão, fazendo com que o educando se torne autônomo aos poucos, em seu próprio processo. (FREIRE, 1996)

Ainda sobre a autonomia dos educandos e como essa prática se torna importante no processo de aprendizagem dos mesmos, gostaria de mencionar uma aula em que o professor sugeriu que as crianças “brincassem de culto” e explicou, em outras palavras, que elas poderiam assumir a turma por três minutos para executar alguma das funções (ministérios) que acontecem durante o culto no templo, isto é, fazer o que elas achavam que gostariam de ser na igreja quando crescessem, e continuou dando exemplos como cantar um louvor, dançar, pregar⁵ etc.

Então, a maioria da turma se ofereceu para ir à frente, do total de vinte e duas crianças presentes àquele dia, dezessete participaram com representações rápidas de algum ministério. Uma menina, de aproximadamente nove anos de idade, me surpreendeu quando, em um discurso muito coeso e coerente, “pregou” para a turma; primeiramente ela disse que estava ali na frente para dizer que algumas crianças só vão para a salinha para brincar e não era apenas isso que deveria ser feito, em suas próprias palavras, e logo depois leu a Bíblia, no Salmo 100, onde o salmista faz um clamor por misericórdia de Deus em uma oração de arrependimento, assistindo a essa cena, pude refletir sobre os significados que aquelas crianças estão dando a aprendizagem na salinha e como elas conseguem lhe atribuir uma função muito clara. Aquela menina começa a embasar seu discurso bíblicamente, o que para a religião cristã evangélica é essencial.

⁵ Termo utilizado no meio evangélico, para nomear o ato de anunciar a palavra de Deus (bíblia).

Nessa aula, especificamente, e fazendo um paralelo com as teorias, pude perceber como a educação não formal contribui para a formação de uma cultura de grupo e sobre os aspectos subjetivos de construção da identidade coletiva de um grupo (GOHN, 2006). Essa construção de identidade também me foi claramente apresentada quando, por diversas vezes e em todas as aulas (sem exceção), as crianças usavam expressões muito próprias dos grupos dessa religião especificamente, e nos momentos mais propícios, como por exemplo, ao final de uma história surpreendente, de um milagre de Jesus, ou até mesmo diante de testemunhos contados pelas próprias crianças em sala, muitas delas diziam “Glória a Deus!” e/ou “Alelua!”, assim como é do costume litúrgico, ou quando se falava sobre alguma coisa a qual elas atribuíam um valor negativo e muitas diziam “Misericórdia!” e/ou “Sangue de Jesus tem poder!” entre outras, mas o importante a dizer é que os traços da impressão de uma cultura e identidade de grupo ficaram evidentes.

Para consolidar a ideia dessa apropriação de identidade de grupo pelas crianças, gostaria de relatar uma aula especificamente, onde a professora escalada elencava, escrevendo no quadro, o que ela chamou de “alvos de oração”, nesse processo as crianças iam falando e a professora anotava no quadro no formato de tópicos que ela chamou de “categorias”, dessa forma, a professora ia escrevendo e sempre perguntando as crianças sobre cada “categoria” e as crianças iam especificando quem eram as pessoas em cada uma delas, por exemplo: categoria família: pai, mãe, irmãos, tias e tios, primos; categoria igreja: pastores, obreiros, secretária, membros, professores, ministério de hospitalidade, novos convertidos, levitas, irmão que cuidam do estacionamento; e assim com todas as demais categorias dos alvos de oração.

O que me chamou atenção, e que é relevante dizer para falar sobre a apropriação de identidade de grupo, é que as crianças iam falando as funções dentro da igreja e geralmente sabiam os nomes de cada pessoa responsável e seu cargo, uma lista extensa, mas que elas falavam com muita facilidade, demonstrando que conhecem os membros de seu grupo e entendem a função que indivíduo um tem nele.

Em alguns dias de pesquisa, ocorreu que, por alguma razão, o professor escalado para dar aula na salinha não compareceu. Nesse caso, havia três

situações de tomadas de decisão sobre o que fazer com aquela aula: a primeira era procurar algum outro professor do ministério que tivesse possibilidade de cobrir a falta, o que geralmente não é tarefa fácil, pois, como já foi mencionada nesse trabalho, a maioria dos membros participam de mais de um ministério, e também porque dar uma aula exige uma preparação anterior de conteúdo e, especialmente no caso da igreja, uma preparação espiritual.

Nas entrevistas feitas com os professores, a maioria deles enfatizou a importância de se preparar espiritualmente para uma aula, exatamente por causa do caráter ministerial de ser professor da salinha, e não profissional, onde a palavra ministério indica ser representante de Deus ou do Reino de Deus, isto é, alguém que ministra o faz muito mais em âmbito espiritual do que físico, a pesar de usar artifícios físicos como a fala, por exemplo; uma segunda opção para a ausência de professores é apresentar um filme temático para as crianças, o que às vezes é possível e muito bem quisto por elas, entre tanto, depende muito do acervo de filmes da igreja que não é tão extenso; a terceira alternativa, e que só acontece caso não seja possível nenhuma das outras, é a suspensão da aula naquele dia, nesse caso, as crianças ficam no templo, junto com seus responsáveis, participando do culto que é feito por adultos e para adultos.

Nesse último caso, ainda que a mensagem de evangelização seja ouvida pelas crianças (assim como na salinha), não há intencionalidade específica de ensino a elas, dessa forma creio que a criança entende parte da fala e conceitos do sermão, ou seja, não há um vago total de aprendizagem, mas a mensagem não será completamente compreendida, em sua totalidade e complexidade, por causa da linguagem e estruturas de texto usadas no discurso direcionado aos adultos. Um dos professores que entrevistei Lucas Amaral, explicou que evangelizar crianças requer mais que o simples ensino bíblico, como é feito no templo.

Pra falar a Palavra⁶ pra criança tem que ser (com) uma palavra diferenciada, uma palavra preparada, organizada, com um foco, com uma meta, porque se não as crianças começam a se dispersar [...], você precisa responder pra ela, de forma que ela entenda e a linguagem da criança, ela também é diferente da do adulto não é com qualquer palavra, não são palavras difíceis que você vai conseguir

⁶ Bíblia

falar com as crianças, tem que trazer uma palavra simples e pura.
(Lucas Amaral, professor do ministério infantil)

No meu primeiro dia de ida ao campo, aconteceu de um professor faltar à escala e durante um pouco mais de vinte minutos as crianças ficaram brincando na salinha até que a liderança do departamento pudesse tomar uma decisão. A princípio, não se encontrou nenhum professor que pudesse substituir o que fora escalado aquele dia e, aparentemente, as crianças seriam levadas ao templo, até que um dos professores do departamento, o já mencionado Lucas Amaral, conseguiu chegar à igreja para dar aula as crianças. É importante retificar que ele não era o professor da noite, mas assumiu a turma mesmo que inesperadamente, entre tanto, a educação não formal tem essa característica, a de provisioriedade (GOHN, 2006), ou seja, uma vez que os percursos sofram alterações, o educador deve estar aberto a mudanças necessárias no ambiente de educação.

Nessa aula, Lucas foi chamado sem que tivesse uma preparação específica para ela, então, ele aproveitou o assunto de sua última aula na turma, a qual havia abordado os temas oração, evangelização e leitura bíblica, e fez da “aula surpresa” um momento de por em prática tudo que ele havia ensinado.

Logo no início da aula ele pediu para que as crianças lessem, em duplas ou trios, um versículo bíblico que elas escolhessem e em seguida pediu para que explicassem o que aquele texto estava querendo dizer, o que elas haviam entendido do versículo, exercitando assim a habilidade de leitura bíblica e de evangelização das crianças, nesse momento, e em outras aulas em que participei, muitas vezes quando uma das crianças começavam a ler ou falar um versículo as outras crianças continuavam a recita-lo, dando-me a ideia de que, em outras aulas, já tivessem estudado os versículos em questão; relato isso pois, no meio da comunidade evangélica, é muito importante que o fiel saiba muitos versículos de cor. Podemos perceber isso na prática quando conversamos com os adultos e com os próprios professores e observamos que suas falas e conselhos estão sempre embasadas em trechos bíblicos, assim como a criança do exemplo passado já começara a fazer.

Não só nos ambientes da igreja, mas em todo exercício da fé evangélica esse conhecimento é extremamente importante para a resolução de conflitos e nos momentos de evangelização, ao falar para pessoas que não são da mesma fé, além de ser uma orientação bíblica quando o Salmista fala sobre “esconder a Palavra no coração” (BÍBLIA, Salmo, 119, 11) e quando, em suas cartas, o Apóstolo Paulo orienta a igreja de Timóteo sobre o bom manejo da Palavra da Verdade (BÍBLIA, 2 Timóteo, 2, 15).

Em um segundo momento, ao continuar sua aula, o professor Lucas, pediu para que as crianças orassem uma pelas outras, para exercitar o último tema que haviam estudado na aula passada, a oração. Com relação ao exercitar o que é ensinado, Paulo Freire (1996, p.51) diz que “O bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática mesma que sua curiosidade como sua liberdade deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício”. Dessa forma, mesmo que em atividades sugeridas pelo professor, as crianças podiam praticar o que haviam aprendido experienciando o que foi ensinado.

Para além do ensino da religião, das doutrinas bíblicas e das práticas daquela congregação especificamente, em minhas observações pude perceber que os professores estão preocupados em ensinar esses preceitos paralelamente a assuntos do meio secular inerentes ao cotidiano das crianças ou até aos conteúdos escolares, discutindo, dessa forma, a realidade a partir da realidade próxima do educando (FREIRE, 1996).

Para dar um exemplo, cito uma aula do professor Marcelinho em que ele ensinava sobre a passagem bíblica em que Jesus ordena que seus discípulos fossem pelo mundo inteiro pregando o evangelho (BÍBLIA, Marcos, 16,15) ao explicar sobre o significado de palavra evangelizar, o professor trazia muitos contextos históricos de forma acessível as crianças; ele contou, por exemplo, que “na época de Pedro⁷ as pessoas não sabiam que o planeta era redondo e não conheciam todo o Planeta, achavam que só existia aquele pedaço até a parte de baixo da Europa. Foi Galileu Galilei que descobriu que a Terra era esférica” (Marcelo Sarmiento, professor do ministério infantil).

⁷ Discípulo de Jesus Cristo

Ainda ensinando sobre essa passagem, Marcelo Sarmiento contou às crianças que Pedro (discípulo de Jesus) realmente andou por todo o mundo conhecido de sua época pregando o evangelho em todas as partes até criar a igreja católica, ele continuou explicando.

“A partir da primeira igreja católica surgiram outras igrejas e depois de vários anos da morte de Pedro, a bíblia só podia ser lida pelos padres, então um Padre chamado Martinho Lutero traduziu a bíblia para que todos pudessem ler e criou a igreja protestante, por isso a igreja se dividiu e hoje os evangélicos têm sua própria igreja” (Marcelo Sarmiento, professor do ministério infantil).

O professor ainda lembrou as crianças que tudo isso, a igreja católica e as várias outras igrejas depois dela, começaram com Pedro e por sua decisão de pregar o evangelho. Durante sua entrevista, ao falar sobre a preparação de suas aulas, Marcelo ressalta a importância desse contraste, entre o ensino das questões inerentes a fé e ao secular dizendo: “gosto muito de trazer o teor histórico, [...] nós precisamos criar um paralelo, porque Cristo é uma figura histórica que realmente existiu. [...] e eu procuro trazer isso pra dentro da salinha” (Marcelo Sarmiento, professor do ministério infantil).

Além das questões mais práticas, como as referentes a disciplinas escolares, o ensino na salinha também busca abranger aspectos mais relacionados a saberes não curriculares. Dessa forma, a educação que acontece na salinha ultrapassa a tradição religiosa, como sugeriu Lutero, preocupando-se com o conhecimento integral do homem. O pastor Remulo Junior também falou sobre a perspectiva de ensino da congregação.

A evangelização das crianças não está voltada para o que é chamado de “doutrina seca”, mas tem um ensino que, para além de ensinar a religião e a doutrina bíblica, abrange todo o contexto social das crianças incluídas no seu meio ambiente, preparando-as para se tornarem adultas, homens e mulheres participativos e construtores de uma sociedade melhor. (Pastor Junior, líder do Ministério Água Viva para as Nações)

Essa é outra característica marcante da educação não formal, ela é capaz de formar os membros dos grupos para a vida e suas adversidades e não exclusivamente para o ingresso exitoso no mercado de trabalho, isso porque os conteúdos surgem da problematização do cotidiano e vivências dos membros dos grupos, emergindo deles mesmos (GOHN, 2006). Mais ainda, a igreja tem uma grande preocupação em não ser passiva, mas agente de

prevenção e de auxílio das dificuldades sociais (SANGER, 2012). Ainda falando sobre essa capacidade do ensino na salinha, o pastor da igreja explica:

Nas salinhas, acontece um aprendizado muito importante baseado até mesmo em temas “polêmicos”, que têm afetado o desenvolvimento das crianças na sociedade, que muitas vezes, as escolas que tem o chamado ensino tradicional, não abordam de forma efetiva e buscando um caminho de saída para essas situações. [...] No ensino das crianças na salinha, há uma evangelização efetiva onde são trabalhados temas como o bullying, a violência dentro do lar, discriminação de raça, discriminação social, preconceito, trabalhamos temas que dizem respeito a influência do meio na nossa existência, ou seja, a influência de todos esses conflitos, a valoração do próximo, combatendo assim a violência. Nós percebemos que esses temas não são abordados com qualidade nas escolas de educação formal e que os professores das salinhas abrangem essas temáticas de forma muito mais completa porque eles (professores da salinha) não estão preocupados em oferecerem um ensino voltado pra informações técnicas, mas sim para a valoração do ser humano. (Pastor Junior, líder do Ministério Água Viva para as Nações)

A mesma observação que o pastor faz, sobre a salinha conseguir alcançar as crianças em áreas de ensino que as escolas de educação formal não conseguem, também é feita pelos professores entrevistados, por exemplo, quando o professor Lucas diz que

a igreja hoje tá com um papel muito importante, no qual a escola não tá conseguindo suprir, [...] a igreja ela tem um papel importante, que é de orientar. [...] Minha expectativa é única, é participar da vida dessas crianças de modo que amanhã elas se tornem pessoas prontas para estar no meio da sociedade, pessoas habilidosas. (Lucas Amaral, professor do ministério infantil)

Essas áreas de ensino não alcançadas nos ambientes de educação formal, citadas pelos membros da igreja nos dois trechos de suas entrevistas, estão geralmente ligadas a aspectos mais íntimos da vida das crianças, isto é, têm relação com os aspectos emocionais e não somente cognitivos, e que podem ser melhores percebidos nos ambientes de educação não formal, como a salinhas, pois esses ambientes se configuram de forma a proporcionar que os participantes sintam-se livres para sugerirem temas, exporem problemas, e trazerem aspectos de suas vidas pessoais para as discussões, como já pôde ser exposto nesse trabalho.

Entretanto, um aspecto importante na salinha, é o sentido que se dá a essas percepções e as resoluções dos problemas pessoais das crianças, pois tem um teor de fortalecimento do grupo como um todo. Isto fica claro quando, em todas as entrevistas os professores falam sobre a formação dos agentes

ativos da igreja do futuro. Para que essa ideia fique mais clara, citarei trechos das entrevistas onde esse aspecto é mais marcante nas falas; como primeiro exemplo, a fala da professora Rosa Santos, quando ela diz

Meu alvo mesmo é levar todos ao Reino do Céu e eles ser... quando eles crescer, eles também ter amor pela obra e levar o Ide⁸ do Senhor até àqueles que não conhece, começando dos pequeninos. [...]A minha pretensão de professora da salinha é que, através das crianças que esteja lá, elas seja ministrada, não somente espiritual, mas elas vem crescer homens e mulheres de Deus, profissionalmente, familiar, em tudo que for fazer ((Rosa Santos, professora do ministério infantil))

O professor Marcelinho também fala sobre a importância de se ensinar as crianças, sob essa perspectiva.

Minha pretensão como professor do departamento infantil sempre é fazer com que essas crianças se enriqueçam em conhecimento bíblico e fazer com que essas crianças se tornem adultos melhores. [...] Porque (amanhã) as crianças [...] irão comandar a igreja. (Marcelo Sarmiento, professor do ministério infantil)

Ao falar sobre essa expectativa, de formar a igreja do futuro, durante sua entrevista a professora Fernanda Durães conta que sente a mesma alegria e contentamento ao encontrar ex-alunos que a contam que hoje são formados nas diversas áreas profissionais e quando alguns deles dizem que são pastores, missionários, levitas ou que estão exercendo algum ministério nas igrejas, ela explica que é essa a maior importância da salinha, preparar essas crianças para que sejam um igreja sadia no futuro. O professor Lucas também fala sobre isso.

A igreja tem um papel muito importante. Então minha maior motivação é saber que as crianças, amanhã, serão adultas, serão pessoas que estarão no comando da nossa sociedade e serão pessoas melhores através da palavra que é ministrada. ((Lucas Amaral, professor do ministério infantil))

Com relação a essa compreensão que os entrevistados demonstram ter, sobre estar a todo o momento e através do ensino na salinha, influenciando a Igreja e sociedade do futuro, Paulo Freire também explica que o ensino de conteúdos e a formação moral do educando são desassociáveis, e ainda diz que “(...) como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo.” (FREIRE, 1996, p.61).

⁸ Referencia ao mandamento bíblico em Marcos 16:15.

Outro sentido que a possibilidade de alcançar as crianças em aspectos emocionais e em suas vivências, buscando a orientação para uma vida plena e a resolução de problemas, é de ordem afetiva. Durante as observações ficou claro os laços de afetividade que são estabelecidos entre os professores e as crianças e, principalmente, pude perceber como as crianças conseguem atribuir sentido a isso, entendendo que neles –nos professores- eles têm segurança ou conforto para falarem de seus conflitos.

Aludindo bem esse sentido afetivo, atribuído pelos professores ao ministério da salinha, quando perguntados sobre suas motivações em ser professores nesse ambiente as respostas foram: “agente faz com muito amor, que isso não vai ser somente pro Ministério, pra igreja, mas pra toda a vida, em todas as áreas” (Rosa Santos, professora do ministério infantil); “Por amor, por amor MUITO àquelas crianças, que eu dou aula na salinha” (Marcelo Sarmiento, professor do ministério infantil) “A minha motivação é o amor mesmo, eu amo estar com eles” (Fernanda Durães, professora do ministério infantil).

Para além dos depoimentos falados nas entrevistas, pude perceber o ambiente de afetividade nas práticas em sala de aula. Sempre que os professores terminavam a aula as crianças faziam questão de só irem embora depois de abraçá-los e beijá-los, e também a mim, a “tia da pesquisa”⁹, como elas me chamavam, algumas delas deitavam a cabeça no meu colo durante a aula e sempre que me encontravam na igreja, mesmo fora das salinhas, me abraçavam e também a todos os outros professores.

O aspecto afetividade é muito relevante no cuidado que se tem com as crianças, uma vez que ali elas não são simples alunos, os laços são quase que familiares já que a crença os torna irmãos em Cristo (BÍBLIA, Mateus, 23, 8). Para a congregação, um líder é comparável a um pai, dessa forma, as resoluções de problemas e cuidado com a integridade das crianças, o olhar atento a seus conflitos ganham peso nas práticas da salinha.

Essa afetividade e o olhar atento do contato tão próximo da relação entre as crianças e os professores, fazem com que haja a possibilidade latente

⁹ Fiz questão de explicar as crianças o motivo eu de estar ali.

de serem percebidas situações de risco e proporcionam a rápida intervenção ou prevenção de problemas. Essa possibilidade interventiva é tomada pela igreja como uma responsabilidade, como uma missão.

Existem muitas crianças que estão passando por sofrimento como a violência dentro de suas próprias casas ou em algum outro meio que viva e a igreja tem essa missão local, a missão de ensinar a criança caminhos para transformar seu meio e vencer esses conflitos, além de propagar a não reprodução das violências e abusos que por ventura estejam sofrendo. (Pastor Junior, líder do Ministério Água Viva para as nações)

Essa missão começa no ambiente da salinha, ao observar as crianças e providenciar caminhos para a solução dos problemas. Com relação a essa questão, gostaria de citar aqui, um caso contado a mim em entrevista pelo pastor da congregação.

Uma criança da salinha tinha muita dificuldade de aprender conteúdos de disciplinas escolares específicas, sempre as que eram ministradas por professores do sexo masculino, a escola onde a menina estudava não conseguia identificar o real problema e a tachava como “má aluna”. Na salinha, certo dia, foi abordado temas como violência e abusos, de maneira preventiva, e sobre o que fazer nessas situações, quem procurar etc.

Nessa aula, os professores da salinha puderam identificar que aquela menina havia sido abusada em uma creche, quando ainda muito pequena, graças à liberdade gerada na relação desse ambiente de ensino não formal, onde a menina sentiu-se estimulada a contar seu problema. Então foi ensinado a menina, em várias reuniões com ela e seus pais, um caminho para vencer o trauma e de mudança, hoje ela já apresenta melhoras processuais, inclusive relativas às notas na escola formal.

A partir desse depoimento e das observações das aulas que pude presenciar, de temas inerentes à prevenção desses e outros problemas, a salinha em conjunto com outros departamentos da igreja, fazem um trabalho que alcança essas crianças em suas particularidades, podendo proporcionar-las saídas.

Muitas dessas crianças passam a poder ser aceitas pelas suas famílias rompendo com os medos de não poder contar sua história de vida. Nesse sentido, essas salas de estudo dentro das igrejas tem

extrema importância não só para a difusão da religião, mas para a transformação da sociedade, pois possibilita que as crianças não se tornem reféns do meio social” (Pastor Junior, líder do Ministério Água Viva para as nações)

Nesse sentido, gostaria de lembrar o que Paulo Freire diz com relação ao bom ambiente de aprendizagem e a prática educativa, quando diz que ela “é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje” (FREIRE, 1996, p.90). Entretanto, apesar de todos os aspectos referentes à preocupação com a integridade das crianças e afetividade, é bem verdade que em situações de “descontrole” diante da energia das crianças, ou em momentos em que elas perdiam a atenção, ou o interesse e começavam a desenvolver outras atividades e brincadeiras, que não as sugeridas pelos professores, alguns deles usavam de métodos de controle os quais não posso concordar.

Esses momentos não eram tão frequentes, uma vez que o tempo de aula é bastante curto e as crianças da salinha demonstram ter interesse nas atividades já que são livres para estarem na salinha ou não, isto é, elas são incentivadas pelos pais e líderes da igreja a participarem das salinhas, mas se não quiserem, não há uma obrigatoriedade, elas podem permanecer no templo junto com seus pais.

Ainda assim, como mencionei, há momentos em que algumas delas se dispersão e uma das maneiras que os professores usam para retomar a atenção das crianças é “ameaçando” contar para seus pais, o que indiscutivelmente transfere a sua autoridade como professor (a) e causa a reincidência de comportamentos “rebeldes”.

Porem, em uma das aulas em que essa situação aconteceu - em que as crianças se comportavam indisciplinadamente - durante a aula toda a professora anotou na lateral do quadro os nomes das crianças que estavam “bagunçando”, e se o nome já estivesse lá ela acrescentava na frente do nome uma bolinha, apesar de discordar dessa prática que é sem dúvida intimidadora e que não ensina, só inibe, até por medo ou vergonha, apesar dessa prática tradicional e arcaica, a professora usou um artifício para que as crianças pudessem mudar aquela situação que me pareceu inovadora.

Ela dizia que até o final da aula aquilo poderia mudar. Isso porque sempre que ela percebia que a criança não estava mais dispersa e estava participando da aula ela apagava um pedaço do nome, até que o nome era totalmente apagado. Ao final da aula não havia mais nenhum nome. Ainda assim, me vejo na obrigação de lembrar que o Paulo Freire diz com relação a esse problema que é inerente a profissão do professor, a dificuldade de equilibrar sua autoridade para que não se torne em autoritarismo.

O grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é com trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Quanto mais criticamente a liberdade assume o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome. [...]É interessante observar como, de modo geral, os autoritários consideram, amiúde, o respeito indispensável à liberdade como expressão de incorrigível espontaneísmo e os licenciosos descobrem autoritarismo em toda manifestação legítima da autoridade. A posição mais difícil, indiscutivelmente correta, é a democrata, coerente com seu sonho solidário e igualitário, para quem não é possível autoridade sem liberdade e esta sem aquela. (FREIRE, 1996, p.65)

Com tudo, é importante dizer e considerar que, a grande maioria dos professores da salinha tem formação acadêmica até o nível médio, ou seja, não têm uma formação docente. Algumas não concluíram o nível fundamental, como no caso das crianças que começam a dar aula ainda na infância e infelizmente tendem a reproduzir as atitudes dos professores que lhes deram aula nas escolas de educação formal.

Esses momentos me fazem refletir sobre as contribuições que eu, como graduanda de pedagogia e com ideais de uma educação muito deferente das de ensino tradicional, posso dar a minha comunidade. Ainda assim, na imensa parte das atividades atribuídas ao ensinar, esses professores se mostram extremamente seguros e capacitados, principalmente para o que fazem na salinha, ou seja, ensinar a Palavra de Deus¹⁰, como eles mesmos dizem. Sobre esse fenômeno, gostaria de citar Freire mais uma vez, quando ele diz que:

Foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. (FREIRE, 1996, p.12)

¹⁰ A Bíblia

Nessa mesma perspectiva, afirmo que um diploma licenciador, não garante um excelente trabalho como educador, da mesma forma que a ausência de diploma não quer dizer o contrário, gosto muito da leitura que Moacir Gadotti faz ao falar sobre a segurança equivocada que os certificados dão ao dizendo que na história dos acontecimentos pelo mundo podemos ver recém-nascidos que foram mortos por enfermeiras treinadas; crianças que foram envenenadas por médicos diplomados; mulheres e bebês que foram fuzilados e queimados por graduados de colégio ou universidades (GADOTTI, 2003). Na verdade, as observações que fiz durante esses quatro meses fizeram-me constatar algo que eu já sabia: educação vai muito além de certificados e para se ensinar é necessário muito mais que uma simples graduação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É verdade que há algumas falhas pedagógicas a serem corrigidas e que é possível um melhoramento das práticas dos professores da salinha, falando no sentido mais técnico. Notadamente, há lapsos quando se trata dos processos de avaliação de aprendizagem do conteúdo ministrado pelos professores, que também precisam ser mais bem explorados.

Ainda assim, gostaria de dizer que fiquei bastante satisfeita com o que o Ministério Água Viva para as Nações tem desenvolvido no ambiente da salinha. É notório que as práticas da salinha cooperam para o crescimento da congregação em vários aspectos e as capacitam para desenvolver papéis essenciais nos vários departamentos, além de contribuírem para a preservação da religião e da cultura cristã evangélica.

Ainda considero que, mais que o ensino das doutrinas e liturgias, os professores têm conseguido extrapolar seu trabalho com as crianças da congregação, que podem ser assistidas em suas necessidades, para além do âmbito religioso. O Ministério consegue ultrapassar as ações que poderiam ser consideradas assistencialistas, como as mensais entregas de cestas de alimentos às famílias carentes e os lanches na salinha, como é característico das religiões cristãs de modo geral, uma vez que mais que as ajudas em situações emergenciais, as relações estabelecida na salinha e nos espaços de educação da congregação têm melhorado as condições de vida das crianças em ambientes seculares e impulsionado-as a mudar situações de abusos dentro e fora de suas casas.

Mais do que em todo o meu percurso acadêmico, durante essa pesquisa pude perceber a importância da valorização dos ambientes de educação não formal e de trabalhos para fortalecimento de grupos e comunidades com características tão particulares, não só como membro de uma dessas comunidades, mas como uma futura pedagoga que entende a necessidade do empoderamento e reconhecimento desses grupos, sabendo que a educação acontece muito além dos limites da escola e de seu ensino formal.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AFONSO, Almerindo Janela. *Sociologia da Educação Não-escolar: reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática ?* in: STOER, Antonio J. A SOCIOLOGIA NA ESCOLA: PROFESSORES, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Aprontamento, 1992. p.81-96.

APEC- Associação Brasileira de evangelização. Disponível em: <<http://apec.com.br/sobrenos.php?sobre=APRESENTANDO-A-APEC#.V2ukCvkrLIV>>. Acesso em: 23 jun. de 2016

ARAUJO, PINTO, LOPES, NOGUEIRA, PINTO, R. *Métodos de investigação em educação*. 2008. 25 f. Tese (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. Braga, Portugal. 2008. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/212402-Universidade-do-minho-instituto-de-educacao-e-psicologia.html>>. Acesso em 11 de Jun. 2016.

BARBIER, R. A pesquisa-ação. Tradução de Lucie Dibio. Brasília: Liber Livro, 2007

BARBOSA, L. M. Ribeiro. As concepções educacionais de Martinho Lutero. *Educação e Psicologia, Faculdade Montessori de Educação e Cultura*. São Paulo, v.33 n.1, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022007000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jun. 2016.

BÍBLIA. A. T. Provérbios. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p.662.

_____. A. T. Salmos. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p.631.

_____. N. T. João. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p.1057

_____. N. T. Marcos. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p.994.

_____. N. T. Marcos. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p.952.

_____. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p.954.

_____. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p.959.

_____. N. T. 2 Timóteo. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p.1174.

Entrevista - Fernanda Pereira Garcia Durães. Entrevista realizada em maio de 2016. Brasília, igreja Ministério Água Viva para as Nações.

_____ – Lucas da Silva Chaves Amaral. Entrevista realizada em maio de 2016. Brasília, igreja Ministério Água Viva para as Nações.

_____ – Marcelo de Sousa Sarmento. Entrevista realizada em maio de 2016. Brasília, igreja Ministério Água Viva para as Nações.

_____ – Remulo de Andrade Junior. Entrevista realizada em maio de 2016. Brasília, igreja Ministério Água Viva para as Nações.

_____ – Rosa Maria do Nascimento Santos. Entrevista realizada em maio de 2016. Brasília, igreja Ministério Água Viva para as Nações.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p.1656-1674

FRAAS, Hans-Jurgen. *A Religiosidade Humana*. Compêndio de Psicologia da Religião. São Leopoldo RS: Sinodal, 1997.

FREIRE, Paulo; *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*: 1996. 92p.

FREITAS, M.Q. *Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: práticas da psicologia em comunidades nas décadas de 1960 a 90, no Brasil*. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). *EDUCAÇÃO E CRISE NO TRABALHO*. 6ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADOTTI, Moacir. A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO FORMAL/NÃO FORMAL. In: *Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?*. Sion (Suisse): INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE). 18 au 22 octobre 2005

_____, Moacir; *Boniteza De Um Sonho: Ensinar-e-aprender com sentido*. Rio Grande do Sul: Feevale, 2003. 70 p.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: Aval. Pol. Públ., Rio de Janeiro, v.14, n. 50, p. 27-38, jan/mar. 2006.

_____, Maria da Gloria. *Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social*. Meta: Avaliação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr.2009.

LA BELLE, Thomas. *Nonformal Education in Latin American and the Caribbean.Stability, Reform or Revolution?* New York, Praeger. 1986

LIBÂNEO, José C. *PEDAGOGIA E PEDAGOGOS, PARA QUÊ ?* 5ª Ed. São Paulo: Cortez , 2002.

MENDONÇA, V. L. M. *Produção de subjetividade e exercício de cidadania: efeitos da prática em psicologia comunitária*. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 2(1), São João del-Rei, Mar./Ag., 2007.

MONTEVECHI, W. R. *Aparecido. Educação não-formal no Brasil: 1500-1808*. 2005. 131 f. Tese (Mestrado em Educação), Centro Universitário Salesiano, São Paulo. 2005.

PONICK, Edson; CELADEC; IECLB: Departamento de Catequese. *A dinâmica da educação cristã*. São Leopoldo: CELADEC; IECLB, 1996.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina: Educação Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 1998. p. 246-247.

VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. *Pedagogia Médica*, Rio de Janeiro, v.20, n.5, p. 383-386 set./out. 2007 Disponível em: < Disponível em: <<http://docplayer.com.br/212402-Universidade-do-minho-instituto-de-educacao-e-psicologia.html>>. Acesso em 11 de Jun. 2016.

3ª Parte

Perspectivas profissionais

Eu realmente gostei do curso de pedagogia. É um curso muito completo que possibilita discussões muito ricas para a formação de qualquer cidadão, ainda que para tanto peguemos o preço de não estudarmos profundamente nenhum assunto. Por isso mesmo, minhas perspectivas para o futuro estão baseadas na esperança de poder continuar estudando.

Não gostaria de sair do curso de graduação e entrar no mercado de trabalho para exercer a docência, ao menos não é meu primeiro objetivo, principalmente se for às séries iniciais e no ensino de crianças. Sinto que sou melhor professora de adulto, por isso só poderia pensar em docência se para a área de educação de jovens e adultos.

Minha ambição é conseguir fazer uma pós-graduação em orientação escolar ou psicopedagogia. Isso porque minhas experiências durante o curso e as leituras das áreas me fazem crer que os trabalhos de orientação pedagógica e escolar me fariam feliz. Consigo me imaginar muito melhor nessa área do que exercendo a docência em sala de aula.

Mas o que realmente almejo é poder fazer uma segunda graduação em Serviço Social. Acredito que, unindo meu conhecimento em pedagogia e os conhecimentos desse segundo curso, eu poderia fazer um trabalho incrível com crianças em situação de risco, estudando as comunidades mais carentes e agindo nelas, para transformá-las.

Por causa da minha formação religiosa e pelas linhas pedagógicas que defendo, não posso me aceitar paralisada atrás de uma mesa de escritório, ou em outro lugar que não seja, de alguma forma, participando ativamente das transformações e assunções sociais.

Para além da importantíssima tarefa de ser professor em sala de aula, serei educadora em todos os lugares que eu passar, exercitando os saberes da boa prática docente, onde a minha sala de aula será o mundo.

APÊNDICES

Diários de intinerância

17/04/2016 - Domingo, 19:30h- sala de 6 a 11 anos – Professor Lucas (19 anos)- 30 crianças

A principio não haveria aula, pois o professor escalado não pode ir à igreja e as crianças teriam que ficar no templo, junto com os adultos, assistindo o culto que é feito por adultos e para adultos. Nesse sentido, ainda que a mensagem de evangelização seja ouvida pelas crianças (assim como na salinha), não há intencionalidade de ensino á crianças, dessa forma, creio que a criança vá entender sim alguma coisa (não vai existir um vago total), mas a mensagem não será completamnte compreendida em sua totalidade e complexidade, por causa da linguagem e estruturas de texto usadas no discurso, especifico aos adultos.

Por entender essa questão, um dos professores do departamento infantil, se dispôs a dar aula. No inicio da aula o professor retomou o que havia acontecido na ultima aula e tudo que foi discutido, perguntando as crianças o que elas se lembravam da ultima aula, as crianças falaram e trouxeram três temas trabalhados, os quais: oração, evangelização e leitura bíblica.

Para “por em prática” o professor iniciou a aula como uma oração em conjunto apresentando a aula que começaria. Logo depois orientou as crianças a próxima atividade seguinte, que seria achar uma “palavra” (um capítulo e um versículo bíblico) e ler com um amigo. As crianças formaram duplas e trios entre elas, de maneira espontânea, e após um tempo suficiente para que as crianças lessem e refletissem/discutissem o versículo(mais ou menos dez minutos) o professor deu o “passo seguinte” da atividade, onde elas deveriam ler em voz alta o versículo escolhido, cada dupla ou trio por vez, e explanar aos colegas o que se tinha entendido sobre aquela “palavra”.

Logo após as crianças lerem e explicarem, o professor relia em voz alta o versículo escolhido e comentava um pouco mais, trazendo exemplos práticos para as crianças. Nessa atividade, as crianças ficavam em pé nos seus lugares para que todos pudessem ouvir a leitura bíblica e também seus comentários.

Em um dado momento, quando uma das crianças começou a ler seu versículo escolhido e as outras crianças continuaram a recita-lo, juntamente com ela, dando-me a ideia de que elas o tivessem estudado aquele versículo em uma aula anterior. É importante falar que as crianças se ofereciam para ler, quando o professor perguntava quem ainda não tinha lido elas se organizavam para que todas falassem.

Com essas leituras e explicações do que as crianças puderam entender dos versículos lidos, o professor estava exercitando a habilidade de evangelismo (de rua e de pessoas que ainda não são membros da igreja), através da transliteração feita pelas próprias crianças.

Assim que todos terminaram de explicar e falar sobre seus versículos o professor formou duplas entre as crianças, e ele fez dupla com o professor auxiliar (que geralmente é um adolescente) e disse que eles dois seriam a “dupla exemplo”. Então ele abraçou o auxiliar, e as crianças todas em duplas se abraçaram, então ele disse que naquele momento as duplas orariam, uma criança pela outra. As crianças então, começaram a orar por sua dupla bem auto e intensamente e os professor e seu auxiliar andavam pela sala orando por todas as crianças. Elas oraram juntas por aproximadamente cinco minutos e foram aos poucos terminando suas orações e se sentando. Esse período de oração continuou até que todas terminassem de orar, aproximadamente sete minutos o período total.

Assim que todas as crianças estavam sentadas, o professor perguntou o que elas tinham sentido durante a oração, de que forma aquele momento as havia tocado? Entre as respostas de bem estar uma das crianças disse que estava sentindo dor de barriga, então o professor levou essa criança até a frente da turma e pediu para que o restante das crianças o ajudasse em oração pela cura daquele menino e os ensinou a orar “interseçoreamente”. Assim que eles enceraram a oração o menininho disse que não estava mais sentindo dor e todos se alegraram e disseram expressões típicas da religião como “Amém!”, “Glória à Deus!” e “Aleluia!”. Dessa forma o momento voltado para a temática oração foi encerrado o professor pediu para que as crianças abrissem suas bíblias em uma passagem específica (Evangelho segundo Lucas, capítulo 5, versículo 1) para dar início ao que ele chamou de “história da noite”.

Em quanto as crianças procuravam o versículo indicado pelo professor, notando a inquietação e curiosidade de várias crianças, eu me apresentei e expliquei o motivo da minha presença me dispondo a explicar melhor tudo o que eles quisesse saber sobre mim e a pesquisa ai final da aula. Assim que terminei a fala o professor me agradeceu e pediu para que uma das crianças lesse o versículo anteriormente indicado por ele.

O capítulo estudado aquela noite fala sobre a conhecida “parábola do filho pródigo”; após a leitura da criança, o professor começou explicando o que é uma parábola, logo depois contou a história bíblica que permeia o versículo lido tomando as crianças como personagens mudos, ele levava uma criança escolhida aleatoriamente para representar um personagem. Para que as crianças pudessem entender plenamente a história, o professor explicou o conceito de herança.

Segundo a dinâmica de tornar as crianças personagens mudos da sua narrativa ele continuou a contar a história; algumas crianças já conheciam a passagem e o ajudavam. Enquanto narrava a história ele andava pela sala e chegava bem perto das crianças que por ventura estivessem dispersas. Depois da pequena encenação ele explicou o que a parábola queria dizer, falando sobre o que separa a humanidade do pai (Deus), o pecado. Para ilustrar melhor, ele escreveu no quadro palavras como: mentira, palavrões, pecado desobediência- nessa hora as crianças falavam bem alto outras palavras e ele as escrevia também. Depois disso o professor fez uma analogia entre o que o pai da história fez com o que o Pai celestial faz que seja o ato de perdoar e sempre receber o filho de volta.

Finalizando a história, o professor iniciou o “momento da oferta” (ritual muito importante na religião), ensinado a doutrina e explicando sobre ela. Algumas crianças tinham que ir buscar a oferta no templo, com seus pais, então o professor decidiu passar para o momento do lanche e enquanto isso as crianças buscariam a oferta. Na hora do lanche as crianças comiam e conversavam sobre várias coisas, inclusive sobre a votação que estava acontecendo naquele momento no Congresso Nacional.

Depois do lanche (um período de aproximadamente quinze minutos) o professor pediu para que as crianças se sentassem e fechassem os olhos para orar pela oferta. Então ele orou por todas as crianças e pelas suas famílias e, assim como acontece no templo, as crianças foram até a frente da sala entregar suas ofertas. Em seguida o professor e as crianças fizeram a oração de encerramento da aula, em agradecimento pelo culto. Essa oração foi feita pelo professor e repetida pelas crianças; a oração pedia pelas famílias, pela semana que estava se iniciando e pedindo que Deus guardasse e reafirmasse as passagens bíblicas lidas e tudo que havia sido falado ali.

Encerrando a aula o professor fez um joguinho simples de perguntas e respostas sobre os temas abordados naquela aula, até que os pais fossem buscar as crianças.

15/05/2016 - Domingo, 19:45h- sala de 6 a 11 anos – Professora Wivian (35 anos) - 29 crianças

Antes do início da aula e de as crianças chegarem, a própria professora organizou as cadeiras na sala para que as crianças se sentassem. É importante dizer que a professora está grávida com aproximadamente sete meses de gestação.

A professora iniciou sua fala com uma saudação tradicional da igreja evangélica: “A paz do Senhor!”, e as crianças responderam bem alto: “Amém!”. Em seguida ela perguntou o nome e a idade de cada criança anotando em um caderninho, com o intuito de ter um mapa da turma, seguindo a ordem em que as crianças estavam sentadas.

Logo depois a professora relembra a última aula onde foi falado sobre “Os dez mandamentos” (aparentemente ela havia conversado com a professora que estava na última aula, no último domingo). A maioria das crianças participaram da última aula e tinham aprendido sobre a história de Moisés, então a professora disse que daria continuidade a história o tema “Travessia do mar vermelho”. Em seguida fez uma oração apresentando a aula a Deus e pedindo a direção Dele para tudo que iria fazer ali.

Logo depois ela contou os nomes das crianças no caderno e disse que naquela aula ela teria vinte e nove auxiliares, fazendo com que todos se sentissem participantes e responsáveis pelo andamento da aula e, pedindo para que todos prestassem atenção, retomou a última aula ressaltando a importância da leitura bíblica.

Em seguida pediu para que as crianças abrissem suas bíblias no livro de Êxodo, capítulo 3, versículo 17. Observando a dificuldade de algumas crianças, ela explicou como encontrar um livro na Bíblia Sagrada, mostrando o índice e perguntou se todos estavam com uma bíblia; cerca de metade das crianças não tinham levado bíblia, então, sempre fazendo analogia com a história contada na última aula (onde está a passagem das tabulas da lei), ela explicou importância de se andar com a bíblia e ensinou que, enquanto estivessem se arrumando para ir à igreja, já deveriam separar suas bíblias, como fazem com as peças de roupa que vão para a igreja. Continuando a aula, a professora leu a passagem bíblica, deu uma breve explicação sobre o texto e colocou um filme sobre Moisés.

Uma criança pediu água e em seguida todas as outras crianças começaram a pedir também, então a professora serviu a todas. Enquanto isso as crianças que estavam assistindo o filme iam comentando e perguntando coisas referentes ao filme, algumas crianças já sabiam a história e ajudavam a professora a responder. Após servir água à todas as crianças e professora apagou a luz e as crianças seguiram assistindo o filme.

No meio do filme a professora pausou o filme e acendeu a luz e disse que era uma pausa rápida para que todas as crianças orassem por uma garotinha da turma que se queixou estar se sentindo mal e com febre, disse também que antes que ela, a menina, voltasse para sua mãe, todos eles na salinha orariam para que ela fosse curada e convidou algumas que porventura também estivessem se sentindo mal a receberem aquela oração e outras três crianças foram à frente junto com a primeira menina.

A professora pediu para que as outras crianças orassem junto com ela; ela ungiu a criança e todos. A primeira menina foi para o templo ficar com seus pais e as outras três crianças voltaram aos seus lugares. Depois que as

crianças se sentaram a professora serviu o lanche e disse que as crianças podiam comer enquanto assistiam o filme. Para ajuda-la a servir o lanche, as crianças se organizaram e sete delas se dividiram em servir os biscoitos e o suco a todas as outras.

Assim que elas terminaram de lanche a professora pausou o filme e iniciou o “momento da oferta”. As crianças que tinham levado rapidamente se prepararam e a professora passou a salva para que elas depositassem sua oferta, em seguida ela disse que mesmo as crianças que não tinham levado oferta receberiam a benção, então ela passou unguendo a mão de todas as crianças repetindo a frase “Deus abençoe e multiplique!”, assim que ungiu a ultima criança convidou a todas a se levantarem para orarem pelas ofertas. Quando a oração terminou ela voltou a passar o filme.

A professora tinha preparado um cenário que representava o Mar Vermelho (usando duas cadeiras e TNT vermelho), mas o culto acabou antes que ela pudesse iniciar a atividade pensada e os pais iam, pouco a pouco, buscando as crianças, então a professora disse que dariam continuidade a atividade na sua próxima aula.¹¹

17/05/2016 - terça-feira, 19:30h- sala de 6 a 11 anos – Professora Fernanda (40 anos) - 20 crianças

A professora iniciou a aula organizando as crianças e o ambiente “imitando” o templo, com cadeiras bem organizadas em fileiras e um corredor no meio, se colocando na frente do corredor. Assim que a sala e as crianças estavam organizadas ela as cumprimentou com “A paz do Senhor!”, as crianças responderam “Amém!” e sem perder tempo ela perguntou quantas crianças sabiam ler; a grande maioria levantou a mão dizendo que sabiam. Em seguida ela perguntou quantas crianças tinham levado bíblia para a salinha, pouquíssimas tinham levado.

¹ Nessa aula a professora precisou usar de provisoriedade visto que teve que mudar a programação da aula, pois nem todas as crianças sabiam o conteúdo anterior. Ela tinha a intenção de passar a parte do filme onde era encenada a passagem do Mar vermelho, e não a história de Moisés completa, para fazer a atividade com o cenário montado em sala, entretanto, ao perceber uma situação diferente da imaginada e previamente programada, verificando uma necessidade nova ela mudou toda a sua aula. Isso é uma característica marcante da educação não formal.

Depois dessas duas perguntas ela pediu para que todos ajoelhassem em seus lugares para que orassem (um costume da religião em sinal de reverência a Deus). Todos se ajoelharam e ela andava entre as crianças orando por todos, as crianças também oravam.

Logo em seguida a oração a professora perguntou se haviam ofertantes e dizimistas àquele dia e, uma vez que tinha, ela pediu para que eles fizessem uma fila no corredor do meio. Enquanto as crianças se organizavam, ela explicou o que é dízimo dando exemplo de alguém que ganhava por mês R\$ 1000,00 e quanto seria o dízimo desse valor, explicando alguns conceitos matemáticos de forma simples, havendo explicado e uma vez que as crianças já estavam organizadas no corredor, a professora e as crianças que não tinham levado sua oferta e/ou dízimo oraram agradecendo a Deus por aqueles que tinham levado e estavam no centro, no corredor; assim que terminaram de orar a professora convidou a todas as crianças a receberem a unção e todas as crianças entraram na fila.

Após o momento da oferta, ela recapitulou a sua última aula (que teria acontecido no culto de dia das mães) em que as crianças estipularam “alvos de oração”; ela escreveu no quadro esses alvos, lembrando com a ajuda das crianças.

Nesse dia, as crianças estavam muito agitadas e, procurando prender a atenção delas, a professora disse que, ao final da aula, algumas crianças estariam em uma “lista” para um gabinete e explicou que o gabinete seria uma reunião entre Ela, a criança e aos pais, para falar sobre o mal comportamento durante a aula na salinha.¹²

Seguido a aula, durante a anotação dos alvos no quadro, a professora ia escrevendo e sempre perguntando as crianças sobre cada “categoria” e as

¹² Durante a aula ela anotava na lateral do quadro os nomes, mas dizia que até o final da aula “isso poderia mudar”. Isso porque sempre que ela percebia que a criança não estava mais dispersa e estava participando da aula ela apagava um pedaço do nome, até que o nome era totalmente apagado. Ao final da aula não havia mais nenhum nome.

crianças iam especificando quem eram as pessoas em cada uma delas. Exemplo: família (pai, mãe, irmãos, tias e tios, primos etc.), igreja (pastores, obreiros, secretária, membros, professores, hospitalidade, novos convertidos, levitas, estacionamento etc.), etc. As crianças iam falando as funções dentro da igreja e geralmente sabiam os nomes de cada pessoa e seu cargo. Nesse processo, as crianças eram sempre incentivadas a levantarem as mãos antes de falarem, ouvindo e esperando uma pelas outras.

Tratando sobre as funções de cada membro e a unidade do corpo (na perspectiva de que todos os membros da igreja formam o corpo de Cristo) a professora ensinava sobre a importância de as crianças ao chegar na igreja, procurarem um lugar para se ajoelharem em oração e para adorarem a Deus com louvores (geralmente as crianças vão para a salinha depois do período de louvor) e explicou a importância desse momento no culto- o período de louvor. Aparentemente, nesse momento, a professora estava preocupada em transmitir aspectos mais doutrinários da religião.

Dando continuidade a aula, a professora pediu para que alguma criança se voluntariasse a ler um Salmo da bíblia e disse que em todas as suas aulas procurariam separar um tempo para oportunidades, isto é, para que uma ou duas crianças pudessem ler um texto bíblico, fazer uma oração, cantar uma música, fazer uma participação na aula exercitando algum ministério. Assim que ela terminou de falar um menino de aproximadamente oito anos foi à frente para ler o Salmo 23. Ele pediu para ler espontaneamente. A professora pediu para que as crianças que tinham levado a bíblia abrissem no salmo escolhido pela colega, para que pudessem acompanhar sua leitura, pediu também para esses que estavam com a bíblia se levantassem em reverência a Palavra de Deus (esse é um costume tradicional na religião). Então o menino leu os seis versículos do Salmo e agradeceu a oportunidade. A professora o parabenizou e pediu para que uma das crianças mais velhas da turma, sua auxiliar naquele dia, lesse uma versão atualizada do Salmo e em seguida ela- a professora- explicou e contextualizou o salmo escolhido pelo garotinho.

Assim que todos tinham entendido o que ela acabara de explicar, a professora pediu a atenção das crianças para algo que havia acontecido e que, em suas palavras foi “muito triste”. Então contou turma que uma criança tinha

levado uma quantia para ofertar aquele dia e que uma outra criança “pegou a oferta do amigo”. Muito prudentemente, ela não revelou quais eram as crianças, mas disse que “o Espírito Santo de Deus sabia quem tinha sido” e que “é errado pegar as coisas de alguém, sem pedir”, pediu ainda para que ninguém mais fizesse isso.

Em seguida disse que o tema daquela aula seria “obediência” e para iniciar falou um pouco sobre a desobediência no trânsito e suas consequências, nesse momento as crianças começaram a contar histórias que elas tinham vivido no trânsito. Depois disso a professora perguntou sobre o primeiro lugar que se aprende sobre obediência e as crianças gritaram logo “igreja”, entretanto, um menino um pouco mais velho, cerca de nove anos, disse “com os pais”, a professora então disse “Isto! Família!” então continuou dizendo que iriam aprender sobre alguém muito obediente, mas antes de continuar a falar sobre esse alguém, ela chamou uma menininha de aproximadamente oito anos a frente e vendou os olhos dela. Então disse que aquela menininha deveria chega até mim (eu estava no fundo a direita da sala) e me dar um abraço. Explicando o objetivo da menina, ela começou a dar comandos simples como “vá um passo para frente”, “dois para a direita”, “virem o corpo para a direita” até que a criança conseguisse chegar a mim e me desse um beijo e um abraço.

A menininha voltou a seu lugar e a professora perguntou a turma, por que a colega tinha conseguido chegar a mim, no canto da sala? As crianças responderam frases que davam ênfase a obediência, como “Porque ela obedeceu!”, mas um menino respondeu “Porque ela ouviu seu comandos!” Depois de ouvir a todos a professora os parabenizou e indicando que era exatamente o que eles disseram e explicou que naquela aula falariam sobre m homem muito obediente, então as crianças começaram a gritar nomes de personagens bíblicos, como Davi e Moises.

A professora então, ao ouvir os nomes ditos pelas crianças, explicou que todos aqueles homens foram realmente obedientes, mas que naquela aula falariam de Abraão. Em seguida a professora abriu a bíblia em Genesis, no capítulo 12, onde está a passagem em que “Deus ordena a Abraão que saísse de sua terra”. Depois de ler ela explicou de Abraão seguiu o comando de Deus

foi obediente a Ele, ao terminar de dizer isso a professora pediu que as crianças fechassem os olhos para fazerem uma “oração rápida”, nessa oração ela falava e eles repetiam. A oração foi pedindo obediência a Deus e teve duração de aproximadamente quatro minutos. Logo depois ela disse que eles iniciariam uma divertida atividade e distribuiu um caça-palavras às crianças, que escondia palavras relacionadas ao tema e a história de Abraão.

Depois de entregar a folha com a atividade, ela espalhou no chão, no centro da sala, vários lápis de cores, giz de ceras e canetinhas coloridas, pediu para às crianças que sabiam ler que procurassem as palavras circulando-as e às que ainda não sabiam ler para que colorissem o desenho que estava ao lado do caça-palavras. As crianças sentaram e circulo e realizarem a atividade em cerca de 30 minutos, passado esse tempo a professora pediu um circulo para que fizessem a oração final de agradecimento pela aula, quando a oração acabou as crianças voltaram a pintar e desenhar até o fim da aula, quando os responsáveis às foram buscar.

19/05/2016 - quinta-feira, 19:30h- sala de 6 a 11 anos – Professor Jonata (24 anos) - 27 crianças

- **Primeiro dia de uma conferencia só para mulheres, que terá duração de 4 dias em 5 cultos.**

O professor não faz parte do ministério infantil, mas se dispôs a dar aula esse dia já que a grande maioria dos integrantes do departamento são mulheres e elas estavam participando do evento, organizado especialmente para mulheres, e todos os professores (homens) do departamento estavam envolvidos em atividades de apoio ao evento. Entretanto o professor do dia já havia tido outras experiências com atividades e ensino de crianças na igreja.

O professor começou perguntando as crianças o que elas preferiam fazer aquele dia, assistir a um filme ou encenar uma peça? E a grande maioria das crianças gritaram bem alto e várias vezes “Peça!”. Então o professor sinalizou com a cabeça que sim, mas falou que primeiro ele gostaria de conhecer os visitantes da noite. Pediu que os visitantes ficassem de pé, cinco crianças se levantaram e todas as crianças, sob sua orientação, aplaudiram-nos e agradeceram sua presença.

Depois ele deu início a sua aula e explicou as crianças que elas fariam a encenação da crucificação de Cristo, então abriu sua bíblia no evangelho segundo Marcos, capítulo 15, a partir do versículo 21, onde é contada a história de Simão, o homem que ajudara a Jesus Cristo a carregar a cruz.

Ao terminar de ler a passagem bíblica o professor pediu para que as crianças ficassem de pé e dessem as mãos uma para as outras, de duas a duas, formando duplas, uma de frente pra outra, posicionando suas mãos de maneira que ficassem “palma com palma” e orientou que as crianças orassem profetizando na vida do colega coisas que elas gostariam de receber para elas mesmas, dizendo “O melhor que você que para você, você vai profetizar na vida do seu irmão!”, “Assim como o Cirineu ajudou a Jesus a carregar a cruz, você vai ajudar seu irmão em oração”.¹³

Todas as crianças oravam bem alto, umas pelas outras e o professor “orientava” como deviam orar, motivando-os a orar alto e indicando vários “motivos de oração”, como saúde, família, alegria etc.

Depois de certo tempo, o professor disse “Amém!” bem alto e as crianças pararam de orar também. Depois desse período de oração, o professor chamou duas meninas para começarem a separar os personagens da encenação, uma seria Marta e a outra Maria, depois chamou um menino de pequeno porte para ser Jesus e um outro mais ou menos do mesmo tamanho para ser o Simão Cirineu, chamou outro menino, esse um pouco maior que os outros, para ser o soldado. Usando materiais que estavam pela sala, o professor improvisou uma cruz e chicotes de EVA (é importante dizer que ele não havia levado esse material, ele realmente improvisou com o que estava ali no ambiente).

Depois de organizar o cenário improvisado e os personagens e explicar o que deveriam fazer, o professor ia dar início a apresentação à turma, quando o menino que representaria Jesus desistiu de protagonizar a peça, aparentemente ele ficou com vergonha, então o professor chamou um segundo menino, esse havia se oferecido para o papel, entretanto um pouco antes da

¹³ A ação de profetizar é uma cultura muito marcante na igreja, uma maneira de exercitar a fé, nessa concepção, profetizar é declarar que algo vai acontecer e esperar que aconteça, “chamando a existência” e ordenando em nome de Jesus, que pode fazer qualquer coisa.

encenação ele também desistiu pois o professor o orientou a cair no chão para que o “Cirineu” o ajudasse e a criança não gostou da ideia. Percebendo que as crianças já estavam bastante despeças, o professor pediu que todos se sentassem e disse que fariam uma outra peça.

Para essa peça ele disse que precisaria de “um Jesus”, um menino se candidatou e foi a frente, depois o professor escolheu um menino para representar Pedro, esse menino já havia pedido para participar, e pediu que onze crianças fossem a frente, espontaneamente, para representarem os discípulos e que ficassem esperando em um canto da sala para que ele explicasse o que deveriam fazer.

Depois de ter organizado todos os participantes no cenário, o professor explicou que eles iriam fazer a encenação da ressurreição de Cristo, então pegou sua bíblia e ia lendo o texto referente à passagem da ressurreição e indicando o que as crianças deviam fazer, ele ia movimentando as crianças no cenário e as crianças iam complementando e reagindo ao que ele orientava inventando frases e expressões para compor a peça. Assim que a peça acabou, todos aplaudiram e voltaram a seus lugares.

Encerrando a apresentação o professor disse que era a hora da brincadeira e que eles iriam “brincar de pregação, de louvor, de tocar bateria...”. As crianças gritavam e pulavam, mostrando alegria. Ele pegou uma cantoneira e colocou na frente e no centro da sala, fazendo parecer a tribuna do púlpito da igreja e disse que cada criança teria até três minutos para apresentar-se fazendo o “que ela achava que gostaria de ser na igreja quando crescesse”. Algumas crianças se escondiam e não queriam participar e outras levantavam as mãos pedindo para participarem. Então o professor disse que chamaria por ordem das fileiras, de trás para frente.

A primeira criança, uma menina, quis “falar” (imitando a pregação), ela leu o salmo 100 e disse que “algumas crianças só vão para a salinha para brincar e não era isso que deveria ser feito, e sim orar e adorar ao Senhor!”; o Salmo 100 é um clamor por misericórdia de Deus, uma oração de arrependimento. Quando ela terminou, as crianças aplaudiram e gritaram

“Glória a Deus!” (expressão muito típica da comunidade evangélica) imitando as situações e práticas que acontecem no templo.

A segunda criança, uma menina, leu o Salmo 83, apenas leu; a terceira, outra menina, cantou uma música chamada “Me ama” e todas as crianças cantaram junto com ela, e depois ela também leu Provérbios 22. Mais três meninas foram à frente, uma de cadê vez, e leram mais três Salmo, então o único menino a querer participar foi à frente e cantou uma música chamada “O grito”, que fala da crucificação de Cristo, todas as crianças cantaram juntas com ela; depois dele uma menina de aproximadamente seis anos cantou uma música sobre o Salmo 121 e as crianças a acompanharam. Mais três meninas foram e dançaram juntas, uma música que todos cantaram; outras duas meninas leram um salmo, uma de cada vez e mais duas meninas cantaram duas músicas, uma de cada vez, encerrando a aula.

22/05/2016 - terça-feira, 17:30h- sala de 6 a 11 anos – Professor Marcelo (17 anos) - 35 crianças

O professor iniciou a aula desejando as crianças uma boa noite e dizendo “A paz do Senhor!” as crianças responderam “A paz do Senhor!” e logo depois o professor perguntou sobre a data e o dia da semana, as crianças responderam “Vinte Dois” e ele perguntou “Hoje é dia de culto da...” e as crianças gritaram bem alto “Família!” (a igreja trabalha na perspectiva de cultos temáticos, dessa forma, na terça-feira é o “Culto da vitória”, quinta-feira é o culto “Livres para adorar”, sexta-feira a tarde é o “Culto da causa impossíveis”, sábado a noite é “Culto de Jovens”, domingo de manhã é culto de estudo ou “Escola de profetas” e domingo a noite é o “Culto da família”; o professor estava situando e ensinando as crianças a liturgia do ministério).

Uma criança pediu a palavra e disse que estava fazendo aniversário, completando sete anos, e todas as crianças cantaram parabéns para ela. Logo depois o professor disse que também queria dar uma notícia, as crianças prestaram muita atenção e ele disse “Jesus é maravilhoso! Ele pode fazer coisas incríveis!”.

Em seguida o professor fez uma oração com as crianças, onde ele falava e elas repetiam, a oração apresentava a aula a Deus, pedindo a Sua

direção e fazia promessa como “prometo não bagunçar”. Ao final da oração repetiu novamente a frase “Jesus é maravilhoso! Ele pode fazer coisas incríveis!” e pediu para que as crianças o ajudassem a listar o que Jesus pode fazer, então as crianças foram dizendo coisas como “andar sobre a água”, “curar o cego”, “fazer um paralisado andar”, para finalizar a lista o professor disse “Ele pode falar através da nossa boca!” e leu a bíblia para as crianças no livro do evangelho segundo Marcos, no capítulo 16, versículo 15, passagem onde Jesus manda que seus discípulos disseminem o evangelho por todo o mundo.

O professor leu pausadamente e repetiu a leitura três vezes e depois pediu que as crianças falassem o versículo junto com ele. Em quanto as crianças falavam ele pegou um “megafone de papel”, assim que as crianças terminaram de recitar o versículo ele colocou o objeto na boca e imitou um vendedor de frutas e explicou que um mega fone é usado para anunciar algo e que o vendedor só anuncia o que ele tem para vender.

Em seguida perguntou: “Quem sabe o que é o evangelho?”, uma criança respondeu “Pregar”, outra disse “história de Deus”; então o professor sinalizou com a cabeça dizendo que sim e completou afirmando que o evangelho é a “mensagem de Deus de que Jesus pode salvar”. Depois lembrou o versículo e perguntou as crianças o que significava dizer “ir pelo mundo”? e as crianças falavam: “Ir para Paris”, “Ir para a praia”, “Para o Rio de Janeiro” (dando a ideia de que elas entendiam que era viajar, de alguma forma).

Então o professor explicou que, naquele versículo, Cristo não estava ordenado apenas que fossem a um lugar, mas que fossem com uma missão. Então o Professor contou que em Roma, na Europa há um lugar chamado Vaticano e desenhou um globo terrestre no quadro para mostrar o que ele estava falando, nessa hora o professor disse que queria ensinar-lhes uma curiosidade e disse que Roma e Brasília foram criadas no mesmo dia, mas em anos diferentes, as crianças acharam muito legal e o professor retomou sua explicação dizendo que o Vaticano é a sede da igreja católica e que o primeiro papa da história foi um homem muito próximo de Jesus: Pedro.

O professor contou que “Pedro foi a Roma a muitos e muito anos atrás para pregar o evangelho”; explicou que Pedro estava próximo ao mar mediterrâneo (sempre indicando os lugares no desenho que havia feito) e que passou por vários lugares pregando o evangelho, que nesse caminho ele atravessou o mar e chegou na Itália. O professor trazia muitos contextos históricos de forma acessível as crianças, ele contou, por exemplo, que “na época de Pedro as pessoas não sabiam que o planeta era redondo e que não conheciam todo o Planeta, achavam que só existia aquele pedaço até a parte de baixo da Europa. Foi Galileu Galilei que descobriu que a Terra era esférica”.

Ensinado essas coisas ele afirmou que Pedro realmente andou por todo o mundo conhecido pregando o evangelho em todas as partes até criar a igreja católica, ele continuou explicando que a “partir da primeira igreja católica surgiram outras igrejas e depois de vários anos da morte de Pedro, a bíblia só podia ser lida pelos padres e que os padres estavam enganando as pessoas, então um Padre chamado Martinho Lutero traduziu a bíblia para que todos pudessem ler e criou a igreja protestante, por isso a igreja se dividiu e hoje os evangélicos têm sua própria igreja”. Lembrou ao final que tudo isso começou com Pedro, por sua decisão de pregar o evangelho.

Depois de explanar tantos acontecimentos históricos, o professor disse que daria mais um exemplo de alguém que anunciava o evangelho e contou um pouco sobre João Batista e como ele pregava no deserto e batizava as pessoas. Para dar mais um exemplo ele falou do Pastor Junior (o pastor presidente da igreja Ministério Água Viva para as Nações) e finalizou dando seu próprio exemplo, como alguém que estava naquele exato momento pregando o evangelho e cumprindo o “Ide de Jesus”, cumprindo a missão e ensinando as crianças que “o evangelho e a história andam juntos”. Então disse que gostaria de lembrar as crianças que “Jesus é maravilhoso! Ele pode fazer coisas incríveis!” e que contaria uma historinha mostrando isso.

Então contou a passagem bíblica onde Jesus ressuscita o filho que uma viúva em Naim (Lucas 7:11-17), quando ele contou que Jesus tinha ressuscitado aquele menino, as crianças bateram palmas, então o professor explicou que as pessoas que estavam perto e viram o que Jesus tinha feito o louvaram, assim ele convidou as crianças a também louvarem a Jesus fazendo

uma oração em que ele falava e as crianças repetiam agradecendo a Deus por todas as coisas.

Quando terminaram a oração ele disse às crianças que as pessoas daquela época espalharam a notícia da ressurreição daquele menino umas para as outras, contando o que Jesus tinha feito, e que elas também podiam espalhar os feitos de Jesus e como Ele é maravilhoso. Então pediu para que as crianças falassem novamente o versículo da aula, uma criança, prontamente, se levantou e parafraseou todo o versículo.

As outras crianças também repetiram o versículo com a ajuda do professor que pediu que elas confeccionassem um mega fone de papel para que pudesse “pregar o evangelho a toda criatura e bem alto!”. Antes de iniciarem a atividade o lanche chegou e três meninas ajudaram a distribuir para as outras crianças; um menino se dispôs a orar agradecendo pelo lanche e as crianças concordaram com a oração dizendo “Amém!”. D

Depois do lanche o professor iniciou o momento das ofertas dizendo que são elas que mantêm a pregação do evangelho, sempre fazendo analogias com tudo que foi falado durante a aula. Ele fez uma oração em que as crianças repetiam o que ele falava, agradecendo pelos que estavam ajudando a disseminação do evangelho. Logo que o momento de oferta acabou o professor distribuiu folhas brancas, e disponibilizou lápis de cores e fitas adesivas coloridas, para que as crianças confeccionassem seu próprio megafone.

25/05/2016 - terça-feira, 19:30h- sala de 6 a 11 anos – Professora Isabela (23 anos) - 12 crianças

A professora iniciou a aula desejando a todas as crianças a “Paz do Senhor!” e logo depois iniciou o momento das ofertas. Ela orou com as crianças, pedindo para que elas repetissem sua oração e agradeceu pelas ofertas.

Assim que o momento de oração acabou a professora levou as crianças para uma outra, para que elas assistissem a um filme. Essa sala tem um chão

emborrachado, de tatames, onde as crianças podem ficar mais confortáveis para verem o filme.

As crianças assistiram ao musical Príncipe do Egito, da DreamWorks, o filme segue a mesma temática que já vinha sendo trabalhado, a vida de Moises, seu nascimento e toda sua trajetória guiando o povo hebreu a saírem do Egito até a abertura do mar vermelho. Ao final do culto os pais foram buscando as crianças aos pouco, o filme estava quase no fim.

Roteiro da entrevista com professores (Histórico De Vida)

-- Quem sou? (Nome, idade, formação/profissão)

1- Por que se tornou professor da salinha?

2- Qual é sua motivação ao dar aula?

3- Quais são suas pretensões como professor (a) da salinha?

4- Você teve alguma orientação para dar aula?

5- Como você prepara suas aulas?

6- Quais são suas expectativas/objetivos, como professor da salinha do Ministério Água Viva para as Nações?

Roteiro da entrevista com o pastor (Estudo Etnográfico)

Quem sou? (Nome, idade, profissão/formação, ocupação).

1- Qual é a história da congregação?

2- Quem é o ministério no contexto da religião? (linhagens, doutrinas...)

3- Como se estrutura a congregação? Como é a divisão dos grupos para o trabalho?

4- Qual é a proposta de evangelização da congregação?

- Por que evangelizar?

- Por que evangelizar crianças?

- Qual a importância da salinha?

Entrevista com a professora Fernanda Pereira Garcia Durães

(40 anos, professora, licenciada em história)

1- Por que se tornou professor da salinha?

Eu me tornei professora na es/ na igreja porque: quando eu tinha dezesseis anos eu li o livro O... ne? e: ai eu me apaixonei, e: eu tive uma professora no E, que eu estudei:, ela era apaixonada por história, mas que me influenciou foi a professora de geografia, a professo E, ela falou pra gente ler esse livro, eu li e me apaixonei e decidi fazer história quando eu tinha: eu acho que:: uns dezessete anos, mas eu só entrei na faculdade com vinte e oito. Fiz história... e uma amiga minha falou pra gente fazer: complementação em pedagogia, alei “A legal, então vamos fazer” e eu tava fazendo: (essa) complementação e: tava com problemas pessoais... não tava gostando do meu emprego, questionando, eu queria algo mais: e um dia eu tava sentada na igreja e falando pra Deus, ne? “Senhor, POR QUE que; cinco pessoas entraram no meu serviço depois de mim: e conseguiram a/um:: posto melhor: e eu não?” e ai passou o irmão L e Deus falou pra mim... “Mas muitos estão na Minha cas/ entraram na Minha casa depois de você e estão trabalhando: e você ta sentada” aquilo ali foi como um TAPA, eu senti assim vergonha e nesse mesmo dia o irmão P subiu pr/ com um: jaleco... pro ministério infantil convidando ai eu falei “Senhor, eu não quero ser professora? Então eu vou começar fazendo estágio... na Sua casa” e:: mesmo: sempre: tentando conseguir um emprego no/ no/ é: no meio secular eu não conseguia e depois que teve uma reunião:... com doze dias que eu DECIDI entrar no ministério infantil eu fui convidada a fazer uma prova numa escola na: assim: é:: a melhor escola, segundo as pessoas, da Samambaia, eu fui e fiz e consegui trabalhar lá, então:: eu fiquei muito feliz eu fui e montei meu: KIT:: pro infantil: que eu tenho até hoje, claro que a gente vai renovando, ne? mas (eu tenho) o meu kit:... da salinha e assim:: e eu fui aprendendo muito com os meninos da salinha, ne?

2- Qual é sua motivação ao dar aula?

A minha motivação é/ é: o amor mesmo, eu amo estar com eles... sabe não me vejo fora da salinha embora que tem momentos, ne? lá na vida da gente que agente fica assim:: desmotivada, mas quando eu olho aqueles rostinhos: quando eu chego na igreja: e vem e corre pra me abraçar: “Ai tia Fernanda que dia que você vai subir::?” “Tia Fernanda:: quanto tempo que eu não tenho aula ... com a senhora::” Então essa é a minha motivação:: sabe? Por: que:: eles tão esperando por que por melhor que seja o culto, que é um/ que é muito bom, mas tem que ter um/ a parte voltada pra criança, não ficar com flufuzinho, mas a gente assim: pegara a ministração mesmo, pegar a Palavra do Senhor e trazer pro mundo deles, pra linguagem deles. Essa é a minha maior motivação.

3- Quais são suas pretensões como professor (a) da salinha?

A minha pretensão foi como: teve um:: (na) vigília das mulheres... foi ver um ex-aluno: tá ali... to/ cantando:, louvando: como eu vejo hoje o MARCELINHO dando aula:... ne? e outras também, a M que hoje ta na dança que fi/ que esteve com: na época ela era a minha monitora, então a/ a minha pretensão é justamente essa é:: como ta lá no sal/ em Provérbios que a gente deve ensinar a criança no: caminho pra que ela: ne? pra ela andar: pra quando ela crescer ela não se desviar , então ESSA é a minha preocupação eu estar ali:: porque é uma geração que está sendo formada, porque a minha geração: já ta indo embora então a minha preocupação maior é essa minha pretensão é essa é que: eles cresçam e que ela venham é:: tudo que eles aprendem ali se usado não só na/ no/ no meio/ no nosso meio, mas também no meio secular. Eu sempre falo com eles, ne? que nos temos que influencia e não ser influenciado... não é impor, não é chegar e ficar recriminando o próximo, mas com as nossa atitudes, SER MELHOR. Essa é a minha maior pretensão, é que eles cresçam na presença do Senhor e que eles venham cada vez mais é: usar não só no no/ la dentro da igreja, mas lá fora na sua casa. Quantas crianças eu/ é: estão pedindo oração pelo pai, pela mãe, e muitos pais acabam inda porque os filhos “A não pai eu quero ir” eu tenho uma prima mesmo que o neto dela falou “Vó eu quero ir... pra igreja, eu quero ir pra igreja” e ela se sentiu assim: ela falou assim “Se ele tá querendo ir: eu vou levar porque... pra quando ele crescer: ele não vim colocar: falar assim ‘mas você não me levou.’ e eu não tenho como ir la deixar e depois buscar então já fico”. Então essa é uma pretensão também... ne?

4- Você teve alguma orientação para dar aula?

A minha orientação: como eu já:: traba/ trabalho, ne? no meio secular: eu acabo:: é: buscando... ne? um pouco de como dar aula, mas eu pesquiso muito assim:: na internet, busco: é tem o site S tem vários sites e se/ e na nossa igreja também tem: um/ a orientação: geralmente nos temos é: livros, nos temos:: revistas pra poder ta montando as nossas aula. A gente tem um tema, ne? (Então) todo mês, quando é montada a nossa escala de: de professores tem um tema norteador, não que seja engessado, mas assim: a gente busca, dentro daquele tema, fazer uma aula dinâmica voltada mesmo pr/ pras crianças.

5- Como você prepara suas aulas?

Eu prepara minhas aula assim: eu oro: também, peço ao Senhor “Senhor:” que eu quero fazer uma aula legal, eu quero que eles chegam lá e se divirtam, por que a aula no meio sec/ ne/ ne? no:: no meio secular, não fica aquela coisa engessada, mas tem as brincadeiras: tem que ter:: é rora pra poder:: falar sério também tem que/de/ ser DIVERTIDO. Ir pra igreja, no caso das crianças, não é aquela coisa:: chata, eu não quero que eles chega na minha aula e fala “Ai que

aula chata: a nem:: a tia Fernanda ta muita:: ruim” a minha aula não, eu quero que eles sintam alegria e eu sempre peço a eles também, falo “ Olha se vocês tem é:: alguma coisa: pra fala:... da dicas ai pra tia Fernada, que a tia Fernnada quer que vocês ch/ che/ cheguem aqui e se divirtam com essa aula, não quero que seja uma aula:: chatinha chatinha” ne?

6- Quais são suas expectativas/objetivos, como professor da salinha do Ministério Água Viva para as Nações?

A minha:: pretensão, minhas expectativa, meus objetivos são justamente esses, ne? e poder: ta: auxiliando pra que essas crianças: permaneçam na presença do Senhor, por que:: o mundo: ai fora é tem muitas atraco/ atrativos, ne? eu acho interessante uma vez eu vi um: um apresentador... falando que: os pais não tem tempo pros filhos: mas o traficante... ne? tem” Então é isso, a minha preocupação maior é essa, que eu quero que eles estejam ali no Ministério Água Viva tendo: o melhor:: da/ momento por que ser criança passa muito rápido e tem que ser:: muito bem vivido pra eles poderem sentir ALEGRIA de estarem na igreja e a minha maior alegria, como eu já falei, é de ver ex-alunos... trabalhando: em diversos departamentos do Ministério Água Viva. E essa é a nossa missão, não só como: como e/ um dia eu vou estar no supermercado: ou num shopping: e vai vim um:: um ex-aluno meu e dizer assim “Oi professora, hoje eu sou um juiz”, “Oi professora, hoje eu sou um engenheiro”. “Oi professora, hoje eu sou MISSIONÁRIO”, “Oi professora, hoje eu sou um PASTOR”, “Oi:: pás/ Oi professora, hoje eu sou um ministro de louvor”, então: eu vou ter a mesma alegria de tanto ter um: advogado como ter um pastor... como ter um engenheiro como ter um LEVITA, ou como ter:: um: vendedor e ter um ministro do infantil, porque eu me vejo como ministra do evangelho no infantil e não como professora. Dentro da minha preocupação: eu sempre gosto de levar um mimo pra eles, pra poder eles se sentirem:... porque isso marcou muito a minha vida, que quando eu era pequena eu ia:: lá no Bandeirante, tinha uma área: eu não me lembro bem o nome do lugar que a minha tia morava, antes de ir pra Candangolândia tinha uma área, hoje é até um museu, e toda vez tinha um pessoal da igreja que eles se reunião, eu não lembro se ela no sábado ou era num domingo, era um/ era como se fosse uma praça: e eu ia pra lá e cantava as musiquinhas: e eles sempre davam um bombom, eu sempre lembro, quando eu recebo um bombom, daquele momento, então eu acho que isso marca: tem que/ é/ o/ pra quando eles crescerem, quando eles comerem, assim como quando eu como esse bombom me remete a/ aquele encontro. É por isso que eu gosto sempre de dar um mimo pra eles, fazer algo pra AGRADAR, pra quando eles crescerem vim essa memória, porque nos, quando a gente se torna adulto a gente vive muito de memórias, o cheiro: ne? Então Por isso que é/ é importante essa HARMONIA na salinha e não essa:: não somente o ensinar, porque: não é só:: lançar matéria no quadro ou levar algo xerocado e ficar falando não, o bate-papo... ensina muito mais do que aquela coisa de pergunta e resposta.

Entrevista com o professor Lucas da Silva Chaves Amaral

(20 anos, escrevente notarial, Superior incompleto (cursando direito))

1- Por que se tornou professor da salinha?

Eu me tornei um ministro infantil devido a necessidade que a igreja... hoje possui, não só o Ministério água Viva, mas... você pode observar que todas as igrejas hoje têm um déficit, porque trabalhar com o ministério infantil não é fácil, não são... todas as pessoas que se dispõem a ir, assim como Romanos dez quat:orze diz “E como ouvirão se não há quem pregue? Então... a gente vê muitas pessoas querendo escutar, muitas crianças precisando de uma palavra, precisando de um... um ensino,ne? infelizmente hoje a igreja tomou o lugar da escola, que foi o de ensinas, ne? então a igreja hoje tá com um papel muito importante, no qual a escola não tá conseguindo supri e esse foi transferido para a igreja e tendo vista isso e vi... que sempre existia um déficit nas igrejas e daí eu... montei um grupo de pregação infantil é... juntamente com alguns amigos e... começamos a pregar. A partir do momento que eu fui para a água Viva...como é uma coisa que eu me interesse, que eu gosto, que eu amo fazer é... me dispus a estar participando desse projeto juntamente com a igreja, que é ser um ministro do infantil, pois a igreja está precisando bas-tan-te em todos os aspectos, tendo em vista que...a criança é o futuro do...do Brasil, é o futuro que é tão esperado... por todos,ne? Então eu vejo que há uma grande necessidade, uma grande importância das nossas crianças estar crescendo, crescendo debaixo da...do ensino cristão em maio há...tantas coisas, a tantas... acontecimentos que têm/temos visto ai no Brasil hoje, ne? Como o homossexualismo, é... cartilha gay, então a gente tá vendo que a família em si, as nossas crianças elas estão sendo... impulsionadas a... viver no meio disso e a igreja ela tem uma impor/ um...papel importante, que é de orientar, ne? Então eu entrei devido a isso, o grande déficit de... de professor e na palavra diz, em Romanos dez, ne? “Como ouvirão se não há quem pregue?”, então eu me dispus a ir.

2- Qual é sua motivação ao dar aula?

Minha maior ma/motivação é...é saber que amanhã essa crianças já estarão... sendo adolescentes, adultos e que essa palavra que foi semeada, que foi falada, por mais simples que seja, elas frutificaram. Você vê hoje, crianças que eu dei aula... no passado, já são adolescentes e... agradecem...agradecem pelo/pela palavra, pelo apoio, porque... não é fácil... a mãe ensinar pro filho... os valores cristãos e a igreja está ai pra isso, pra auxiliar,ne?...está pra auxiliar, não pra tomar o papel mais importante do pai que/ que é de estar é... ensinando, mas... a igreja tem um papel muito importante. Então minha maior motivação é saber que as crianças, amanhã, serão adultas, serão...pessoas que estarão no comando da nossa sociedade isso/ e serão pessoas melhores através da palavra que é ministrada a todo instante.

3- Quais são suas pretensões como professor (a) da salinha?

A minha maior pretensão é... cumprir o ide de Cristo, porque na palavra de Deus diz que..."ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura" quando fala toda criatura vai se/ não vai se referenciar a penas aos... aos adultos, apenas as pessoas grandes, mas sim a todas as pessoas e, por mais que a criança seja nova, ela ali é uma alma, ali é uma pessoa e essa pessoa merece ser ensinada merece ser... dada atenção. Então minha maior pretensão é... pregar a palavra do Senhor à essas pessoas, que é o ide do Senhor, e também alcança-las, tornando assim pessoas melhores na sociedade, tornando assim pessoas melhores na família e ajudando no que eles precisam a todo instante, todo momento, pois sabemos que as coisas hoje não tão fácil pra... pra se viver criança... você vê que hoje já... tá totalmente desmoralizada, falando palavrão é... aprendendo o... sexo muito rápido, então você vê que é preciso, é preciso se dispor, é preciso está presente na... na vida dessas crianças. Nós que já somos é...adultos,ne? nós temos que... Dar atenção e ensinar o caminho correto, porque na palavra de Deus diz que "Ensina o caminho/ensina a criança o caminho em que deve andar, pra quando crescer não desviar dele" Então nós estamos ai. Minha maior pretensão é essa, ensinar a criança o caminho em que ela deve andar, pois eu tenho certeza que quando ela crescer, se a palavra que foi plantada hoje, germinada hoje, ela não irá se desviar amanhã. Então minha maior pretensão é essa, alcançar a/o meu escopo é alcançar as crianças de forma que elas não saiam da presença de Deus amanhã.

4- Você teve alguma orientação para dar aula?

Orientação...é...antes de...eu começar no ministério infantil, antes de eu começar na carreira, antes de eu começar a ser um ministro eu... fiz cursos pra saber... pra aprender como é que fala com as crianças, pra aprender fala/ preparar uma aula é... aulas... motivacionais pro professor, então... eu tive cursos, participeis de palestras, seminários, no qual foram muito importantes pra minha... pra o meu aprendizagem, porque... agente sabe que pra conversar com criança, pra falar a palavra pra criança tem que ser... é... uma palavra diferenciada, uma palavra preparada, organizada, com um foco, com uma meta, porque se não as crianças começam a se dispersar e assim acaba o alu/ o professor perdendo o... o foco dos alunos,ne? e acaba perdendo o foco da sua própria aula, que é de... transmitir o que você tem preparado. É muito importante toda e qual/ quaisquer pessoa que pretende entrar neste ministério estar bem preparada, porque... a criança, por mais que ela seja incapaz, ne? seja inimputável... ela... faz perguntas que você é/talvez nunca nem imaginou e você precisa tá com esta pergunta, você precisa responder pra ela, de forma que ela entenda e a linguagem da criança, ela também é diferente da... da do adulto não é com qualquer palavra, não são palavras difíceis que você vai conseguir falar com as crianças, tem que trazer uma palavra simples e pura.

5- Como você prepara suas aulas?

Para se preparar uma aula cristã, né? com embasamento cristão... eu utilizo primeiramente a bíblia, porque a bíblia é... é aonde... é o manual do cristão e ele foi deixado... não apenas pros adultos, mas pra... crianças de zero anos até... os cem anos. Então... primeiramente eu uso a palavra de Deus que é a bíblia Sagrada... e daí eu utilizo... métodos... que foram aprendidos em cursos, seminários, livros... voltado... para a área infantil, de pedagogia, sempre consigo/ busco atrelar, né? esse conhecimento, porque... pedagogia é uma área muito rica nesse conhecimento infantil, eu busco ver... artigos, busco também ver vídeos, né? com essas palavras que eu preciso, eu busco também... em algumas... alguns pequenos trechos sobre a aula que eu preciso e... e dinâmicas, né? dinâmicas é muito importante, até mesmo pra chamar a atenção da criança, pra... pra não se tornar uma coisa cansativa pra criança, é importante preparar dinâmicas. As dinâmicas, eu tenho livros que... possuem manuais de dinâmica, como preparar dinâmicas e algumas dinâmicas também já... prontas, né? é só você adequar ao seu tipo de aula e... músicas... músicas... as músicas nos levam a inspirar. São esses métodos que eu uso, são métodos importantes e que... são complementares, né? a bíblia está... está completa, mas tem livros que... complementam, acrescentam e são muito importantes pra... pra gente que trabalha com crianças.

6- Quais são suas expectativas/objetivos, como professor da salinha do Ministério Água Viva para as Nações?

Eu como ministro de criança, tanto na igreja quanto em... outros lugares, em palestras, em... seminários, em congressos, em confraternizações e aniversários, minha expectativa é única, é... participar ... da vida dessas crianças de modo que... amanhã elas se tornem pessoas, pessoas prontas para estar no meio da sociedade, pessoas... é... habilidosas, pessoas... com embasamento cristão, com ideologias cristãs, minha maior meta é essa, meu maior objetivo é esse, de levar Cristo a outras pessoas, levar Cristo as crianças de modo que ela... cresça, de modo que ela cresça debaixo da presença de Deus e que nunca se desvie de Seus caminhos.

Entrevista com o professor Marcelo de Sousa Sarmento

(17 anos, ensino médio incompleto (cursando), feirante)

1- Por que se tornou professor da salinha?

Eu me tornei professor... da salinha do departamento infantil porque... fui aluno é/é... do departamento infantil desde o primeiro dia da... da igreja E, que era a igreja que nós frequentávamos, e lá... sempre fui muito ativo, sempre quis participar, sempre quis... ajudar a professora, sempre estive na/ é.... muito... correndo atrás, assim...com a primeira aula que eu dei, eu tinha dez anos de idade, eu acho... isso, primeira aula que eu dei eu tinha dez anos de idade. A líder era a: R e... assim foi maravilhoso e desde lá eu sempre me... me senti motivado pra... pra isso, ne? era uma/ é uma coisa que eu me senti... muito a vontade, porque eu acho que a... a: criança, ela é quem vai te dar a verdadeira gratidão, ne? Eu costumo dizer que... o lugar para as pessoas que querem ser é... reconhecidas, talvez (risos), seja no departamento infantil, mas esse reconhecimento não vai ser para as pessoas, não vai ser/ vai ser com AS CRIANÇAS, vai ser aquelas/ aquelas crianças aonde te ver, no meio da igreja vai falar “Oi tio, tudo bem?” e tal, elas vão se importar e isso me motivou... pra ir é/ é/ é...até a salinha dar aula pra elas e me motiva a cada aula que eu tenho que ir dar pra elas, porque é... ver aquele rosto feliz, ver aquela criança feliz é muito bom e, querendo ou não, lá é/ é... nós damos com todo tipo de criança, nós é/ é/ é... temos que lidar com crianças que, infelizmente, estão sofrendo em casa, com crianças que as vezes não têm nem o que COMER em casa , mas é uma coisa que nós precisamos ter consciência, entendeu? Por amor, por amor MUITO àquelas crianças, que eu dou aula na salinha, mas COMECEI a dar aula na salinha porque eu achava fantástico aquele trabalho, aquele trabalho... aquele trabalho que era feito conosco, entendeu? Desde lá nunca... nunca parei e não pretendo parar.

2- Qual é sua motivação ao dar aula?

Minha motivação pra dar aula é exatamente essa, de que a gratidão é sincera da criança, de que a criança está lá é/ é... pra isso, de que a criança não tem obrigação de aceitar tudo que você está falando, então ela questiona, isso me motiva porque o questionar é/ é... pra mim é ótimo, porque a criança tá se enriquecendo ali. Você fala uma palavra assim... diferenciada, a criança já fala “Pera ai, o quê que é isso?”, a criança já te pega NO PULO, entendeu? (risos) então isso já é/ é/ é... é MOTIVADOR, isso é que me motiva, é... a atenção da criança, é o poder lidar com todo tipo de criança, é o poder ajudar essas crianças, entendeu? até a se distrair um pouco.

3- Quais são suas pretensões como professor (a) da salinha?

Minha pretensão como professor do departamento infantil sempre é...fazer com que essas crianças se enriqueçam em conhecimento bíblico e fazer com que essas crianças é/ é/ é... se tornem adultos melhores. As vezes, dentro da

igreja, o/ o... grande problema é o egoísmo, é o egocentrismo e assim... e começando com a salinha, porque as crianças são a igreja de hoje, eu não gosto nem desse/ de dizer que elas são a igreja de amanhã, porque elas já tão dentro da igreja, mas amanhã elas irão COMANDAR a igreja, então nós precisamos colocar na cabecinha de cada um deles que nós temos que ser pessoas melhores e o/ a palavra de Deus e... o que eu levo pra salinha é procurando que sejam pessoas melhores, inclusive a aula que você é/ é/ é... assistiu comigo ela... ela falava exatamente sobre isso, que nós temos que pregar o evangelho e assim eu tava dizendo que aquelas crianças tinham é/ é/ é que pregar o evangelho, elas tinham isso como missão, entendeu? E assim que eu vou é: pra salinha, querendo passar isso pra elas.

4- Você teve alguma orientação para dar aula?

Não tenho um o-ri-en-ta-ção assim...pra dar aula, porque... todo mundo já conhece a minha forma de trabalhar na salinha, minha forma de/ de/ de/ de lidar com as crianças, eu não tenho a orientação assim não, mas... é/ é/ é a orientação que eu sigo é própria, é minha mesmo que é... é... nunca forçar nada. Eu não estou lá pra forçar nada, é... pra ser eu mesmo, porque assim as crianças serão elas mesmas comigo e a minha intenção é essa, é se tornar um AMIGO das crianças, é se tornar alguém que vai ser é... que a criança pode contar, agora... se você chega lá, de um jeito for:mado, de uma pessoa assim é/ é... um... um estereótipo, você não vai se tornar amigo das crianças, porque você não tá sendo nem você mesmo, você não tá sendo nem seu PRÓPRIO amigo, como é que você vai poder ajudar essas crianças, então é a minha própria orientação, mas ter orientação de fora assim eu não... e/ eu não tenho orientação, assim “nós temos assim/ nós queremos é/ é... uma aula é... com base em tal versículo e tal”, mas muito pouco, eu mesmo não recebo muito essas orientações.

5- Como você prepara suas aulas?

PREPARAR as minhas aulas é sempre tão prazeroso, porque... eu vou imaginando exatamente como é que... será a reação, eu vou imaginando e fantasiando é/ é/ é eu... gosto muito de trazer o teor histórico porque, as vezes, quando se fala da bíblia, quando cita a bíblia, quando cita a/ a/ a: Jesus, cita apenas como espiritual, ou como uma história contada na bíblia, só que você pode trazer pra história mesmo, história do mundo porque, por exemplo, citei... é/ é... EU citei a... a/ a igreja católica e citei que... toda/ a figura histórica que tem a igreja católica, ne? então...a/ nós precisamos criar um paralelo porque Cristo é uma figura HISTÓRICA que REALMENTE existiu, não é só o que está escrito ali, Cristo É reconhecido como uma figura histórica, então eu... venho é/ é/ é buscando isso, ne? Porque a/ a bíbl/ é se/ até hoje se você anda lá: nas ruas daquelas cidades antigas que são é... retratadas na bíblia, você observa que ali “Olha ali, realmente teve aquilo, realmente teve aquilo” então é uma coisa que é verdadeira e eu procuro trazer isso pra dentro da salinha. Quando

eu estou preparando a minha aula é sempre pra isso. Uma vez eu dei uma aula, por exemplo, sobre a ressurreição de Cristo e aí eu trouxe uma imagem do/ do Santo Sepulcro e trouxe uma imagem do santo Sudário, eu acho que é Santo Sudário que se fala, que é o pano que cobriu o rosto de Jesus Cristo, cobriu o corpo de Jesus Cristo, que tá lá na/ la/ na: Capela: Sistina lá... eu acho que é na capela lá do Vaticano, na Capela São Pedro, que... é/ é/ é... é uma coisa IMPRESSIONANTE aquilo ali, que TEM aquilo ali guardado, que aquilo ali é uma história, entendeu? e eu acho que tem que ter mesmo e aí é/ é... eu trouxe pras crianças ver, quando elas aprenderam sobre a ressurreição de Cristo, que eu falei “tá vendo? é/ é uma coisa que realmente tem como você ATÉ HOJE estudar” entendeu? então a/ a minha/ a minha... é/ é/ é... vontade mesmo é de mostrar que a bíblia não é uma coisa tão é/ é/ é... superficial, ela é uma coisa real, ela é uma coisa que realmente ACONTECEU. Eu sempre ensino pras crianças que a bíblia não é um livro, ela é uma BIBLIOTECA, porque dentro dela tem vários livros que tem vários capítulos com várias histórias, então a bíblia é uma biblioteca e a biblioteca serve exatamente pra isso, pra que você... chegue lá , pesquise, olhe, entenda, mas não fique por lá, você pode sair, se você vai a biblioteca e lê um livro a respeito da história de Brasília você, quando sair da biblioteca, por exemplo, e for até a Esplanada dos Ministérios vai ver “Olha, aquele livro lá que eu li, fala como foi a criação da Catedral, QUE LEGAL a Catedral existe” e a bíblia é mesmo assim, ne? o livro conta a/ como foi a criação do muro de Salomão/ do/ do... do Templo de Salomão , por exemplo, hoje nos temos o templ/ o/ o/ o Muro das Lamentações lá em Israel ainda que... é o um/ foi/ é o um muro do Templo de Salomão, então essa coisas tem que ser ditas pa/ pras crianças porque o contexto histórico é sempre muito importante eu acho pra/ a ser levado, entendeu? é/ é... porque tira desse nego/ dessa superficialidade da bíblia, desse negocio tão é/ é... imaginário e traz para o REAL mesmo, ne? porque... a bíblia É real e as crianças precisam entender isso, ela não é apenas um livro escrito, ela é um livro que... di-ta coisas reais, ne?

6- Quais são suas expectativas/objetivos, como professor da salinha do Ministério Água Viva para as Nações?

A... minha expectativa: e o meu objetivo sempre é pregar bem o evangelho , é/ é: formar os... os futuros pastores do Ministério Água Viva, os futuros levitas do Ministério Água Viva, os futuros diáconos, diaconisa, obreiro do Ministério Água Viva. Querendo ou não, o que nós estamos fazendo ali é a “mine Escola de Profetas”, por exemplo, nós estamos ali lev/ é pregando para os/ quem vai comandar a igreja futuramente, pra quem vai levar o evangelho pra igreja futuramente. Eu sou... jovem, tenho dezoito anos de idade, é... aprendo com as crianças a cada aula, já fiz... pregações, pra honra e glória do Senhor, e... assim... observando as crianças Deus já me deu palavras, já me deu pregações e enquanto professor do ministério infantil, eu quero que essas crianças tenham essa mesma SEDE que eu tenho, essa mesma vontade que

eu tenho de pregar o evangelho, de se tornar um lev/ de se tornar um diácono, de se tornar um pastor, de se/ de se tornar alguém na casa de Deus, é a mesma vontade que eu tenho, eu quero que essas crianças sintam, entendeu? porque é prazeroso, meu objetivo mesmo é levar a palavra de Deus pa/ es/ para essa crianças e é que ela possam levar a palavra de Deus futuramente, a/ o meu verdadeiro objetivo é formar ali pastores com excelência, com a/ para honra e glória do Senhor, mas eu o meu verdadeiro objetivo ali na/ na salinha do departamento infantil, não é simplesmente... é... chegar e/ e/ e dar uma aula e ir embora não... é não, é dar uma aula que vai FICAR na cabeça daquelas crianças. Eu uma vez me emocionei é/ é... uma menininha da/ da/ da antiga igreja, chamada G, ela...foi minha aluna, ne? é... dei aula pra ela e tal e uma dia ela pegou e falou pra mim "tio Marcelinho" ela co/ ela tinha dez anos de idade também e eu lembrei muito de mim, porque eu comecei assim com dez anos de idade, ai ela me falou "tio Marcelinho, é... o senhor deixa eu dar aula um dia?" falei "Gabriela, eu to escalado tal dia da semana, você pode preparar sua aula, você me fala o que você precisa que eu vou trazer, eu vou ser o seu auxiliar" e ali eu me v/ ali eu vi como é prazeroso, ali eu vi como é... é/ é/ é legal, porque a G deu uma aula sobre João três, dezesseis, que eu não me esqueço nunca é... "Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que entregou seu filho único para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" e a G deu uma aula espetacular e aquele sentimento de missão cumprida veio no coração, porque a G já passou, com os dez anos de idade, a mesma idade que eu comecei a G já começou, e ai eu conversei com a minha líder, que na época era a A, e falei "A, vamos escalar a G pra dar aula, eu me responsabilizo, eu entro em sala junto com ela (o que for preciso)" e a G, até hoje, ela não está conosco no Ministério Água Viva, mas até hoje ela dá aula lá, hoje eu acho que ela tem doze anos, ou treze anos eu acho... acho que são treze anos que a G tem e até hoje ela dá aula lá e isso pra mim foi MUITO prazeroso, entendeu? é/ é/ é... sem/ o/ meu objetivo é esse é formar esse tipo de pessoas, pessoas melhores pra igreja que vai ser comandada por eles, porque não tem coisa m:/ pior do que sofrer dentro da igreja por falta de sabedoria das pessoas, entendeu? por fofoca, por isso e por aquilo, e o meu VERDADEIRO objetivo com aquelas crianças é que elas sejam CRISTÃOS DIFERENTES dos que nos temos hoje, cristão que estejam verdadeiramente olhando para o Alvo e não olhando para as pessoas, e não querendo holofote, e não querendo estrelismo. O que nós queremos, de verdade, são cristãos que queiram ESPALHAR essa MARAVILHA que é a gra/ que é a Graça de Deus, é esse o meu objetivo lá no Ministério Água Viva para as Nações a/ PARTINDO do ministério infantil porque pra mim é o ministério mais importante da igreja, é o ministério que vai FORMAR a igreja é... do futuro, não que eles sejam a igreja do futuro, porque eles já estão lá na igreja, mas serão os "comandantes", os comandante da igreja do futuro, porque o comandante é Deus, mas entre aspas que eles serão os... os... CUIDADORES e MANTENEDORES da igreja de Deus, então nós precisamos que essas crianças saiam de lá cada aul/ cada vez melhores, então esse é o meu objetivo.

Entrevista com a professora Rosa Maria do Nascimento Santos

47 anos, ensino médio, zeladora da igreja/ artesã

1- Por que se tornou professor da salinha?

É... sou professora de salinha da igreja porque foi um chamado. É um chamado de Deus na minha vida. Amo estar na salinha. É...é aonde eu me identifico, onde eu faço o melhor pra Deus é na salinha junto com as crianças.

2- Qual é sua motivação ao dar aula?

A minha maior motivação é estar, é...ministrando a palavra de Deus, sabendo que... eu estou sendo a ministra da Palavra e estou ensinando os pequeninos a chegar no Reino. É... o meu... meu alvo mesmo é levar todos ao Reino do Céu e eles ser... quando eles crescer, eles também ter amor pela obra e... e levar o Ide do Senhor até... até àqueles que não conhece, começando dos pequeninos.

3- Quais são suas pretensões como professor (a) da salinha?

A minha pretensão de... assim... de ser na sali/ professora da salinha é que... através das crianças que esteja lá, elas seja ministrada, não somente é... espiritual, mas elas vem crescer homens e mulheres de Deus, profissionalmente, familiar, seja obediente em tudo que for fazer. Por isso que agente faz com muito amor, que isso não vai ser somente pro Ministério, pra igreja, mas pra toda a vida, em todas as áreas.

4- Você teve alguma orientação para dar aula?

A minha orientação, no inicio é... só foi mesmo a motivação de alguma irmãs, ne? que falou assim “Não, você vai dar aula, é...que você tem... tem um dom, você da conta com as criança” Mas...mas quando eu vi que eu tinha o chamado eu fiz... cursos, ne? cursos, é... pra ministrar crianças na/em igrejas. Fiz três cursos ha... muitos anos.

5- Como você prepara suas aulas?

Minha aula eu preparo, primeiramente com oração, ne? e jejum, peço muito à Deus orientação e gosto de... sempre na palavra, não gosto muito de... brinquedos, de pintura. Eu gosto mesmo de... fazer/ é... ler a palavra, ministrar a palavra e dar exemplo, pedir pra algumas: crianças falarem, ne? a respeito (que ele/ e também pra) e testemunhar, fazer alguma/ algum teatro pra elas...ali no momento, elas representar o que elas entenderam um com o outro, para que eles venham aprender na prática não no papel, que papel vai rasgar e jogar fora, mas na prática mesmo ali, eles mesmo... ministrando um ao outro e/ é... passando o que eles entendeu da palavra.

6- Quais são suas expectativas/objetivos, como professor da salinha do Ministério Água Viva para as Nações?

Minha expectativa aqui na igreja é que...é... o ministério infantil venha ser reconhecido não somente dentro do Ministério, mas lá fora, porque a igreja é visitada por muitas crianças, crianças que não estão/ são permanentes, ne? crianças que entram, ficam uma mês, dois meses, mas crianças que vai levar a palavra, que vai chegar até os pais, avos, tios, que elas venham mesmo saber que isso aqui é pra toda a vida. E também é... assim...(é que) é o projeto de... a igreja ser expandida, não somente aqui, ne? Como a igreja/ se a igreja é pra nações, que venha chegar em outros, ne? em outras congregações que, em nome de Jesus, nós vamos abrir e... (e aqui) aqui ser mesmo é o exemplo, ser cabeça de... de falar assim “não, o ministério infantil é aquele é... ministério exemplar que faz, que acontece, que as pessoas vê a glória do Senhor, vê a mudança das criança, vê a motivação no/ principalmente dos professores para com os pais, para com as crianças” que as crianças venham a ser alcançadas, cada uma, depe/ independente da idade, de dois anos até treze/ doze anos, que é a idade etária que a gente recebe todos os dias.